

RUA LARGA



REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 38
OUTUBRO 2013

10: TODOS OS
DEDOS DAS MÃOS

RUA LARGA

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

EDITORIA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício • PIMC_UC

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua Oliveira Matos, 29
3000-305 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 832 982/3
Email: livrariaiuc@ci.uc.pt

IMPRESSÃO
G.C. - Gráfica de Coimbra, Lda.

TIRAGEM
1.700 ex.

ISSN
1645-765x • Anotado no ICS

CAPA
Rua Larga, *Universidade de Coimbra*, 2013
© João Armando Ribeiro

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://lojas.ci.uc.pt/imprensa>

EDITORIAL
Dez Anos da Revista *Rua Larga* - P.05
João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO
Uma Década de Pedra - P.06
Clara Almeida Santos

Um Olhar, de Passagem, para a
Rua Larga... dez anos depois - P.08
Margarida Mano

OFICINA DOS SABERES
ATUAL
DOSSIÊ - DEZ ANOS RUA LARGA

Rua Larga, à altura da Instituição
que nos habituámos a respeitar - P.10
Rui Alarcão

Rua Larga, algumas palavras
a propósito dos seus dez anos
de existência - P.12
Fernando Rebelo

Rua Larga - P.16
Fernando Seabra Santos

Rua Larga, dez anos de vida! - P.18
João Gouveia Monteiro

Rua Larga - P.22
Clara Almeida Santos

Aguda Proa - P.24
António Barros

Larga Lusofonia - P.26
Luísa Lopes

Por uma *Rua Larga*,
sempre muito larga - P.28
José António Bandeirinha

A mais larga das ruas - P.32
Martha Mendes

A pertinente missão
de apontar caminhos - P.34
Pedro Dias da Silva

Mais do que uma revista,
um objeto - P.36
Margarida Pedroso Lima

Ainda falta cumprir
um espaço novo - P.38
João Miranda

Todo o espaço onde se pode caminhar - P.40
Maria Manuel Almeida

IMPRESSÕES
As Revistas da Universidade de Coimbra.
Dinâmicas de Produção
Científica e Cultural - P.42
Delfim Leão e Carla Marques

RIBALTA
Almanaque da Saudade - P.46
Carolina Silva e André Tejo

Uma rua mais larga.
A transição dos Salatinas da velha Alta
para o Bairro de Celas - P.48
Carolina Silva e André Tejo

CIÊNCIA REFLETIDA
Humanidades Digitais: As Humanidades
na Era da web 2.0 - P.50
Manuel Portela

AO LARGO
ENTREVISTA
Emílio Rui Vilar - P.52
Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO
Retrato de Palavra Inteira - P.60
Marta Poiares

criação literária
Para não te ver - P.62
Valério Romão

LUGAR DOS LIVROS
O Município de Coimbra. Monumentos
Fundacionais - P.66

APOCALÍPTICO SE
INTEGRADOS
Impresso vs. Digital - P.69

Apocalíptico
Questão do Impresso
ou os Progressos deste Século - P.70
Carlos Reis

Integrado
Os Jornais são como os Chapéus - P.72
João Pedro Pereira





DEZ ANOS DA REVISTA RUA LARGA

Mão Aberta, 2001 | Eduardo Souto Moura | Sátira minimalanimal

Ao comemorarmos dez anos da revista *Rua Larga* é legítimo interrogar-nos sobre se é muito ou pouco tempo. Comparado com a história da Universidade é muito pouco tempo. Se compararmos com a volatilidade típica dos meios de comunicação institucional, que têm tendência a ser muito afetados quando há alteração da equipa dirigente da sua organização, conclui-se que afinal a idade da *Rua Larga* é merecedora de respeito.

Um dos fatores que mais dificulta o desenvolvimento de Portugal é a compulsiva tendência que tantos dirigentes têm, tanto no setor público como no privado, para mudar quase tudo o que os seus antecessores fizeram. Muitas vezes porque chegam com uma noção difusa de que se deve fazer as coisas de outra maneira, outras pela prosaica motivação de quererem apagar a sombra de quem os antecedeu e deixar a sua própria marca. Sabemos bem que, quando algo se concretiza, há uma grande tendência para homenagear quem teve a ideia inicial, e não prestar atenção a quem a tornou realidade, mesmo que a concretização da ideia tenha sido o maior desafio.

O meu entendimento é o oposto. Quando se chega, tudo é para manter como está. Só nas matérias em que já se traz uma reflexão muito profunda sobre os prós e os contras é que se deve fazer alterações logo no início, e posteriores alterações só devem ocorrer depois de uma análise (profunda!) permitir concluir que os benefícios da mudança são substancialmente superiores aos custos da perturbação que a mudança provocará. Por esta razão, a verdadeira evolução positiva

ocorre quase sempre por pequenos passos. Raramente passa por transformações súbitas e abrangentes.

A revista *Rua Larga* é um exemplo de uma boa ideia que entendo dever ser mantida. Saúdo o professor João Gouveia Monteiro que, a partir de uma necessidade já antes identificada de uma revista que contribuisse para a comunicação interna na Universidade de Coimbra, soube concretizar e operacionalizar a ideia. Saúdo também aqueles que lhe deram continuidade, os diretores adjuntos professores António Bandeirinha e Clara Almeida Santos, pois, embora sejam os reitores a ocupar o posto de diretores, são os diretores adjuntos quem dá vida à revista.

Como a revista não é um objeto estático estamos sempre atentos à necessidade de a manter atual. Por exemplo, para os próximos números é nossa intenção dar mais destaque àqueles que, em algum setor da Universidade, são protagonistas de resultados ou ações que nos orgulham. Daremos, assim esperamos, o devido reconhecimento a alguns daqueles que se distinguem, e desse melhor conhecimento mútuo poderão surgir novos projetos de colaboração e novos resultados que nos façam avançar.

Naturalmente a *Rua Larga* não esgota o universo da comunicação intra e extra-universitária. Para divulgar os múltiplos eventos culturais e científicos que todos os dias ocorrem na Universidade e na cidade criámos a *Agenda 7* (<http://agenda7.uc.pt>), aberta a todos os agentes culturais e científicos de Coimbra. A *Agenda 7* é já a principal agenda da cidade de Coimbra na internet, contando neste

momento com cerca de 90 parceiros que nela colocam diretamente a sua oferta, sem filtros nem atrasos. Em breve terá novas funcionalidades para conseguirmos atingir o objetivo de permitir a quem a consulte encontrar informação atualizada sobre toda a atividade cultural e científica relevante na cidade de Coimbra, objetivo esse do qual já estamos muito próximos.

Outros passos temos vindo a dar, entre os quais posso realçar uma boa sincronização recentemente atingida entre a divulgação de resultados relevantes da nossa investigação junto dos media locais, nacionais e por vezes até internacionais, e o conteúdo da nossa página web, onde surge no mesmo dia informação mais detalhada sobre o mesmo tema. Quem toma conhecimento de algum resultado da investigação da Universidade de Coimbra pode assim aprofundar o assunto visitando-nos na internet.

Outro mecanismo de comunicação interna é o boletim eletrónico UCorreio, que pretende transmitir informação aprofundada sobre um tema concreto, de interesse generalizado para a comunidade universitária, ou o mais antigo TomeNota, que responde a necessidades de divulgação interna de matérias ocasionais, com um tratamento mais leve.

Os dez anos da *Rua Larga* são, portanto, um belo ponto de chegada e simultaneamente um belo ponto de partida, nesta caminhada sem fim da Universidade de Coimbra para cumprir a sua missão de criar, ensinar e transferir conhecimento

João Gabriel Silva
Reitor

uma década de pedra

CLARA ALMEIDA SANTOS *

Dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga* está aqui para durar. É difícil resistir às metáforas que esta *Rua Larga* convida [sempre foi assim, desde o início]. Assim como é difícil resistir a reproduzir o texto que ficou disponível na página eletrónica dedicada à revista no site da Universidade de Coimbra (UC) em 2006.

Declaro rendição às duas tentações. Segue o texto que continua a poder ser lido em www.uc.pt/rualarga e que foi um dos últimos que escrevi na condição de editora da *Rua Larga*.

“A *Rua Larga* está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra desde Junho de 2003, data em que foi publicado o número um da revista da Reitoria da UC. O nome foi tomado de empréstimo à via que actualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta conimbricense. Por essa *Rua Larga* antepassaram muitas histórias com os mais diversos protagonistas. A largueza foi-se, no entanto, estreitando, sujeita às sucessivas necessidades que a contemporaneidade vai inventando. O projecto de criar uma vasta zona pedonal reanimou a nobreza da *Rua* novamente *Larga*. O génio arquitetónico de Gonçalo Byrne construiu a ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar. Nesta lógica de abertura de possibilidades de comunicação, fazia todo o sentido rasgar ainda mais a *Rua Larga*, extravasá-la em páginas, em letra que também fica. A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efectivo por onde passa o que se vai passando na Universidade. E como a *Rua* se quer *Larga*, nela cabem também a cidade e a região que a abrigam, numa relação assente na cultura da colaboração. A metáfora é inescotável e, portanto, pedra a pedra, número a número, vamos calcorreando a *Rua*, aberta também neste espaço virtual.”

Dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga* prepara-se para seguir um novo caminho com a inclusão na plataforma Impactum, o braço da UC Digitalis (projeto que é já o maior repositório digital em língua portuguesa de informação académica e que conta com mais de dez mil documentos a menos de um ano do seu lançamento pela Imprensa da UC) dedicado a artigos científicos e publicações periódicas. É também destas partilhas que se constrói a “cultura de colaboração” de que se falava no texto acima citado.

Dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga* partilha o nome com outras ruas. Melhor dizendo, com outra RUAS. O acrónimo designa a Associação Univer(sc)idade – RUAS [Recriar Universidade, Alta e Sofia]. Foi, até junho passado, a entidade encarregue da última fase da candidatura da UC a Património Mundial. É, desde essa data, responsável pela gestão e salvaguarda da área classificada pela UNESCO. Uma estrutura que, inicialmente, contava com a UC, Câmara Municipal de Coimbra, Direção Geral da Cultura do Centro e Sociedade de Reabilitação Urbana e que, neste momento, conta com mais cerca de 30 associados, cumprindo já uma das recomendações feitas pelo Comité

do Património Mundial: criar um fórum consultivo para o envolvimento da comunidade e ONG. Afinal, um alargamento da RUAS. E assim, dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga* de pedra vê-se incluída na lista restrita de bens que são de todos e que a todos cabe conhecer, preservar e valorizar. E que fica mesmo ali, no sítio em que o núcleo mais antigo do edifício universitário português se liga ao *campus* universitário construído no Estado Novo, complexo também agora classificado, descomplexando assim alguns entendimentos sobre este conjunto arquitetónico.

Dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga*, revista, revisita outras “ruas largas” de Coimbra nas páginas desta edição: a revista dos antigos estudantes de Coimbra que, publicada entre 1957 e 1961 teve o mesmo nome e a *Rua Larga* que confunde os dispositivos GPS dos que querem chegar à Porta Férrea, pois há duas ruas em Coimbra com o mesmo nome. E recuperamos a memória da requalificação da *Rua Larga* propriamente dita, visitada no nº 32 desta *Rua Larga* em texto de Rui Lobo e Rúben Vilas Boas

Dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga* insere-se numa lógica de comunicação da UC que pretende ligar a comunidade universitária entre si, promovendo o conhecimento sobre o que acontece na universidade ou que implica a universidade entendida como elemento matricial numa geografia alargada que vai da cidade onde se funda a paragens longínquas onde a revista chega. E assim promove também a ligação da universidade com o exterior. Poder-se-á dizer que nestes dez anos a comunicação, interna e externa, da UC conhecimento desenvolvimentos muito significativos. A *Rua Larga* terá sido pioneira, na forma e no conceito. O herdeiro mais recente desta linhagem é o recentemente criado Projeto de Imagem, Media e Comunicação (PIMC) cujo objetivo principal é “o aperfeiçoamento de uma política de comunicação eficaz, promovendo a transparência, criando mecanismos de retorno de informação aos membros da comunidade académica e aos parceiros externos e dando visibilidade à realização das missões estatutárias da Universidade”.

Dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga* olha para a sua génese, convidando aos obreiros fundamentais da sua pré-existência, criação e consolidação a escrever neste número, tornando-o assim ainda mais especial. Imaginámos um “Retrato de corpo inteiro” – rubrica que se dedica, desde o primeiro número a mostrar singularidades menos visíveis de pessoas ligadas à Universidade – em que a retratada é a própria revista.

Dez anos depois da sua criação, a *Rua Larga* podia fazer um balanço, uma comemoração, uma evocação, olhar para trás ou para a frente. Tentámos com este número fazer um pouco de tudo isso, como quem se vê ao espelho. Com a certeza de que a imagem devolvida, madura de dez anos, podendo ter defeitos ou arestas a limar, nos enche de orgulho.

*Vice-reitora da Universidade de Coimbra

UM OLHAR, DE PASSAGEM, PARA A RUA LARGA... DEZ ANOS DEPOIS

MARGARIDA MANO ^{*}

Olho e vejo-a a partir da Porta Férrea, nesta janela de vistas amplas do Colégio de São Pedro, onde me encontro de passagem. Rasgando o confronto entre a linguagem das imponentes fachadas, marca, com um traçado elegante e majestoso e com a luminosidade da pedra branca da calçada portuguesa, a centralidade deste espaço.

Breiter Straße, ou *Breiter Weg*, é como dizem os alemães. Os holandeses chamam-lhe *Breede weg*, e assim nasceu, entre os ingleses do Mundo Novo, a *Broadway* de fama mundial. A língua francesa tem a sua *Rue Large*, e no centro do Rio de Janeiro os colonos portugueses rasgaram uma Rua Larga de São Joaquim. Pousada bem no cume da proeminente colina do Saber, a dois passos do *forum* romano da antiga *Aeminiun*, Coimbra conta com a sua Rua Larga, que se oferece ao burgo e à população como ponto de encontro, de cruzamento e de mescla, propiciadora de proximidade, convívio, diálogo e descoberta. Também a “*Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade. E como a Rua se quer Larga, nela cabem também a cidade e a região que a abrigam, numa relação assente na cultura da colaboração”. A citação, retirada de um texto de promoção disponível na web, é lapidar e certa. Além de mural informativo, também ela é, a exemplo da artéria que lhe dá o nome, desafogado foro de reflexão, espaço de excelência para a circulação de ideias livre e atual.

Olho para trás e vejo-a, em viva memória, testemunha de infinitos momentos e das vicissitudes de uma história que já leva que contar. No espaço da *Rua Larga* – em sentido topográfico e tipográfico – acaba por se repercutir, de forma direta ou indireta, a dinâmica imparável das coisas e da

ação humana, de que aqui vale a pena recordar alguns marcos. Recuemos uma década, até esse ano de 2003, momento do arranque da “Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra”. Do mundo chegavam notícias dos primeiros passos dados pela recém-nascida República de Timor Leste, da devastadora guerra do Darfur, do desencanto gerado pelo desastre com o vaivém espacial Columbia, da controversa intervenção no Iraque por forças norte-americanas e aliadas, e do avanço revolucionário anunciado pela decifração do genoma humano. No plano doméstico, o país, tal como a Europa, continuava a debater-se, no dia-a-dia, com a forçada habituação à nova realidade trazida pela circulação do euro, “símbolo tangível do sucesso da integração europeia”, e a dívida pública em percentagem do PIB ascendia a 55,7%, mas era com o escândalo da Casa Pia que, em grande parte, se enchiam nesse ano as primeiras páginas dos jornais. Já entre muros, as múltiplas missões da Universidade cumpriam-se nas mais diversas frentes, com a investigação e a transferência do conhecimento a encontrar destaque, nessa distante primeira edição da *Rua Larga*, em peças que davam notícia da assinalável capacidade de iniciativa de entidades como o Instituto Pedro Nunes, o Centro de Estudos Sociais, a Associação para Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem, o Centro de Estudos Ibéricos e o Centro de Estudos em Alcobaça. Paralelamente, outras iniciativas iam seguindo o seu curso em domínios vários, desde o anúncio, salientado nas páginas da revista pelo então responsável pela produção da *Rua Larga*, pró-reitor João Gouveia Monteiro, do “lançamento de uma importante ação de recuperação e de divulgação ao mundo do património cultural da Universidade de Coimbra”, até à certificação dos serviços da Administração pela Norma

ISO e ao lançamento do Sistema de Gestão de Qualidade Pedagógica. Quem olhasse para a Rua na altura senti-la-ia, entretanto, tomada de críspação em consequência da contestação às propinas e da famigerada guerra dos cadeados. Hoje, dez anos volvidos, olho e vejo a esperança estampada nos rostos dos jovens candidatos a estudantes e nas capas esvoaçantes dos doutores, nestes dias de setembro repletos de sol e renovadora energia. É o antiquíssimo e sempre novo ritual com que a *Rua Larga* e a Universidade todos os anos se renovam e, ao mesmo tempo, nos renovam. Mas se se mantêm os ritmos e os ritos de sempre, é igualmente viva a constante presença da mudança – por exemplo, logo ali ao virar da esquina, na Casa da Lusofonia, recente materialização, pela Reitoria, do imperativo de curiosidade e aproximação intercultural que é, afinal, a vocação natural de qualquer academia, e desta muito em particular. Com efeito, se em redor procurarmos, com o olhar, a mudança, veremos que em nada será ela porventura mais notória do que no colorido cosmopolitismo que, com o decorrer dos anos, de forma crescente se foi tornando marca inconfundível das ruas e praças da cidade, fazendo contrastar com o negro do típico traje académico a babel de sons e culturas dos milhares de jovens estrangeiros que curiosos procuram Coimbra e dos outros tantos docentes, investigadores e estudantes que, tendo rumado à experiência do intercâmbio internacional, aqui regressam para a contar e aplicar.

A vibração da festa parece, por vezes, ajudar a esquecer a consciência efetiva dessa outra mudança que, ao longo dos últimos anos, as tendências, os contextos e as escolhas políticas têm vindo, inexoráveis, a impor na Universidade Portuguesa. Cursos vazios, contenção espartana, a pres-

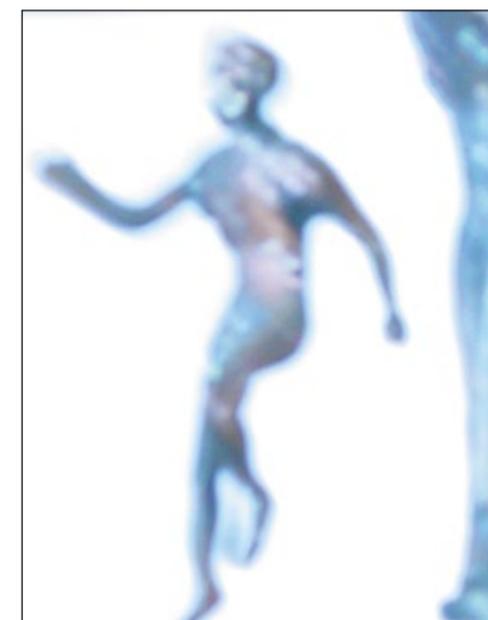
são utilitarista da formação célere e rentável, enfim, uma aventura sem rede na era das redes – seria impossível que, num quadro destes, o horizonte de expectativas e toda a vivência académica do estudante coimbrão, cidadão do mundo, se não tivessem alterado significativamente. Os mercados podem ser instáveis, as moedas, voláteis (da esperança à maldição do euro em dez anos!). As instituições são, contudo, resilientes, e mais ainda quando as suas raízes se fincam, firmes, no tempo e na memória coletiva, e mais ainda quando as impulsiona o inesgotável entusiasmo e querer da juventude.

Da janela de vistas amplas da ala de São Pedro, olho e vejo a animação da paisagem urbana e humana que se estende desde a Porta Férrea até à estátua de D. Dinis: o trânsito frenético de dia de aulas; o trólei que descarrega passageiros apressados; o ansioso vendedor de gelados à esquina; o Prof. concentrado a caminho da lição, por entre a algarviada de turistas que autocarros recolhem em bando; o apelo convidativo do carro de som, estudantes em correria atrás dos caprichos da praxe; a pausa dos leitores da Biblioteca... Fios de vidas entrelaçados nesta surpreendente confluência de tempo e lugar. Em movimento, tento antecipar um palco futuro, em que o próprio espaço físico – inspirador cenário que a elevação a Património Mundial convida a redescobrir – e as gentes que o atravessam se fundem com o eco silencioso dos passos das gerações que por aqui foram passando, cientistas, poetas, pensadores, homens e mulheres comuns que encheram de memória e ajudaram a tornar Larga a Rua que hoje está em festa.

^{*}Vice-reitora da Universidade de Coimbra.

rua larga

à altura da instituição
que nos habituámos
a respeitar



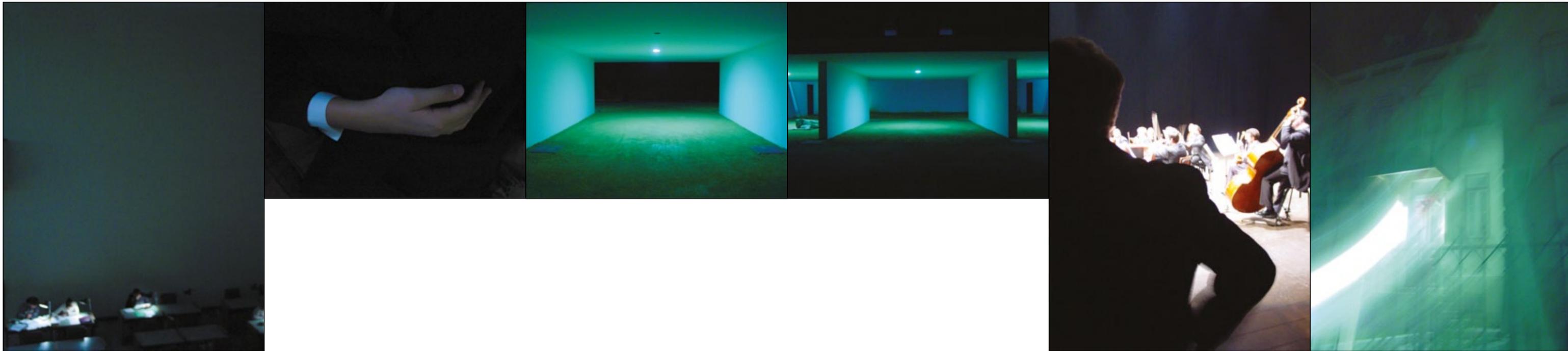
RUI ALARCÃO *

No lançamento da “Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra”, o Reitor Fernando Seabra Santos vaticinou: “*Rua Larga* será (...) um instrumento estratégico da Universidade. Saberá aprender com as críticas e com os bons modelos (...) congéneres, tentará alargar progressivamente o seu público-alvo. Procurará, (...) na transparência dos seus propósitos e no rigor dos seus processos, estar à altura da instituição que todos nos habituámos a respeitar”. Assim veio a acontecer. Cumpridos os dez anos que agora se comemoram, destaque-se a apresentação gráfica, a variedade e riqueza do conteúdo da revista, o seu cunho inovador, a fidelização de leitores. Motivos, pois, de congratulação. Acrescento: e os melhores votos.

* Reitor da Universidade de Coimbra, de 1982 a 1998.

rua larga

algumas palavras a propósito dos seus dez anos de existência



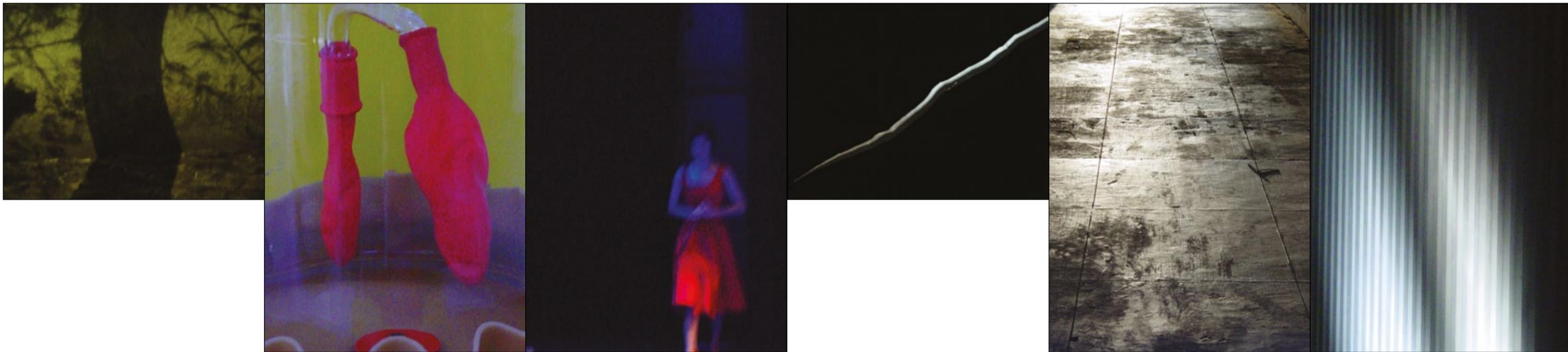
FERNANDO REBELO *

Para quem, como eu, não acompanhou a fase de estudos preparatórios para o seu lançamento, parece claro que a revista *Rua Larga* teve a sua origem baseada, pelo menos, em dois pontos essenciais. O primeiro, a necessidade de preencher o vazio deixado com o fim da *Informação Universitária*, Revista Trimestral da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), que foi publicada entre 1998 (n.º 1, jul.-ago.-set.1998) e 2001 (n.º 14, out.-nov.-dez. 2001); o segundo, a recuperação de um título que há muito deixara de existir.

Na verdade, a *Informação Universitária* havia desempenhado um papel importante no respeitante à difusão de notícias sobre a vida da Universidade tanto a nível interno, pensando nos professores, nos funcionários e nos estudantes, como a nível externo, pensando nos antigos estudantes. Na busca de um espírito de corpo que se vinha a perder, essa revista, com aspeto de magazine, dava notícias sobre atividades da Reitoria, mas principalmente sobre atividades científicas e pedagógicas, com especial incidência em tudo o que se relacionasse com interna-

cionalização. Por motivos diversos, entre os quais os eternos problemas financeiros, e apesar do esforço de um pequeno grupo constituído por professores e funcionários da Reitoria, com o próprio Reitor à frente, a *Informação Universitária* nunca conseguiu atingir o nível de qualidade gráfica que se pretendia. A *Rua Larga*, ao mesmo tempo que veio ocupar o espaço da referida *Informação Universitária*, veio também trazer uma maior abertura ao mundo em termos de notícias, artigos de opinião e entrevistas, num espaço de grande qualidade gráfica. Como exemplo de uma notícia importante, sem ligação com a Universidade, temos a que me foi solicitada e assinei com o título “O tsunami do Índico. 26 de Dezembro de 2004: um dia negro para a história do mundo” (*Rua Larga*, Revista da Reitoria da UC, Julho, 2005, p. 47-48).

Por outro lado, a recuperação de um título desaparecido, o da *Rua Larga*, Revista dos Antigos Estudantes de Coimbra, publicada entre 1957 e 1961, trouxe uma enorme mais-valia. A *Rua Larga*, como rua dos estudantes que iam e vinham, para as aulas e das aulas, no Paço das Escolas, modificara-se precisamente a partir dos finais da década de 1950. Tornara-se muito mais larga e retilínea do que aquela que os antigos estudantes de então haviam conhecido. A democratização do automóvel e a possibilidade de estacionamento no Pátio da Universidade, não reduziram a largura da *Rua Larga*, mas tiraram espaço e sossego aos estudantes, ao longo dos anos 1980 e 1990. Foi difícil resolver o problema. No entanto, ao longo dos anos 1990, progressivamente,



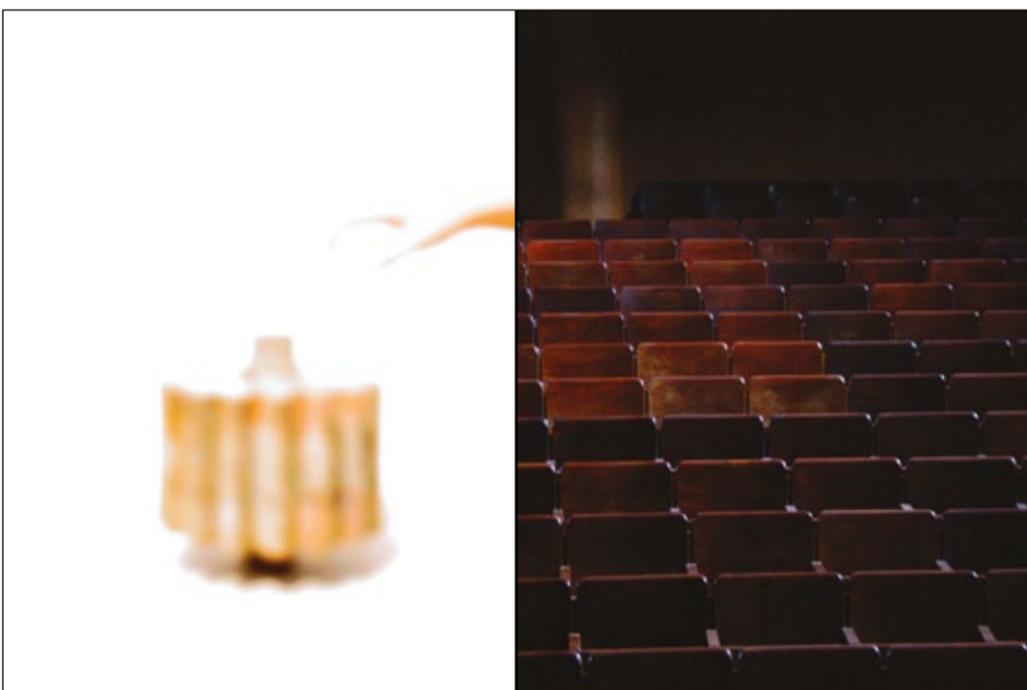
foi-se diminuindo o número de automóveis com acesso ao Pátio. A *Informação Universitária* (n.º 6, out.-nov.-dez. 1999) acabou por anunciar o espaço pedonal criado com o fecho da *Rua Larga* ao trânsito não prioritário, que tantas vezes a entupiu por mais de meia hora, com “buzinões” hoje impossíveis de imaginar. A *Rua Larga* voltou a ser dos estudantes, com a largura que os responsáveis pelas obras da Cidade Universitária acharam por bem atribuir-lhe. Ao utilizar a expressão “*Rua Larga*”, a revista que agora comemora os seus dez anos de existência assumiu-se, também, como revista dos atuais e antigos estudantes da UC. Estão, pois, de parabéns todos os que, desde 2003 até hoje, fizeram a *Rua Larga*. A Reitoria da UC merecia uma revista com a sua qualidade.

* Reitor da Universidade de Coimbra, de 1998 a 2002.

RL#4 abr 2004

RL#5 jul 2004

FERNANDO SEABRA SANTOS *

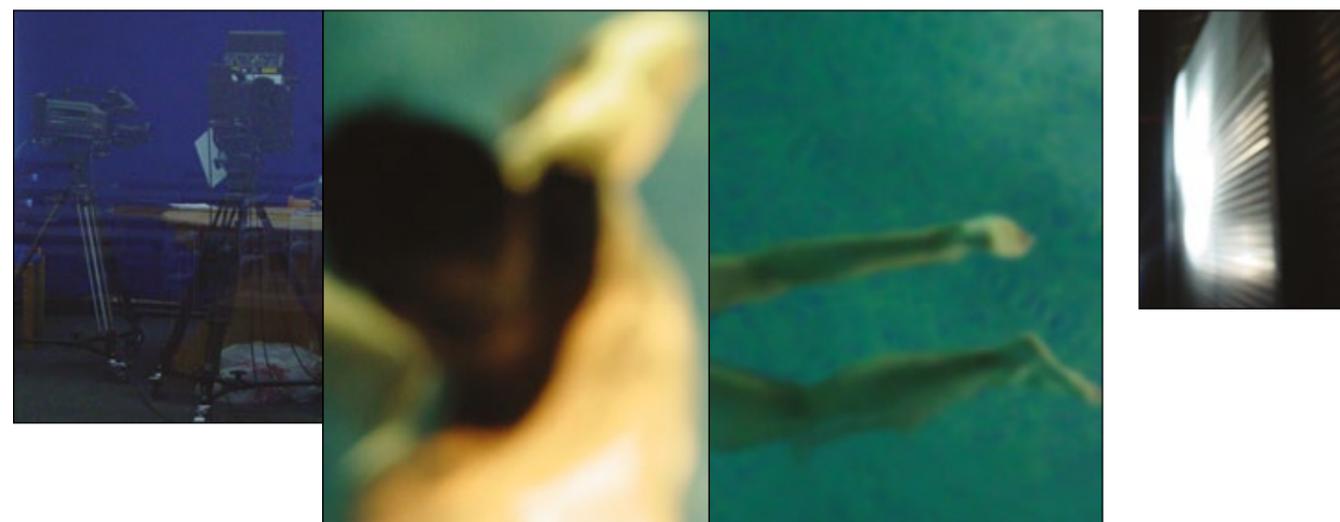


Pede-me a *Rua Larga* um breve depoimento para incluir no número especial comemorativo do 10.º aniversário da Revista. Sendo um dos projetos centrais para a área da cultura da nova Reitoria, em funções desde fevereiro de 2003 foi, com efeito, logo em julho desse ano que surgiu o primeiro número, de uma série de 31, que marcaram com uma regularidade trimestral, sem mácula, os anos correspondentes aos meus dois mandatos de Reitor da Universidade de Coimbra.

No editorial desse primeiro número, logo se traçavam os objetivos da *Rua Larga* e se descrevia a sua estruturação interna, organizada em quatro secções, nas quais haveriam de caber as iniciativas da Reitoria e das Unidades Orgânicas, mas também a agenda cultural da Universidade, entrevistas, o registo das principais deliberações

dos órgãos de governo, um espaço para a cidade, bem como um caderno temático sob a forma de um encarte colecionável, em cujas páginas se apresentariam novos e sedutores assuntos de interesse para a comunidade universitária. Creio que, no conjunto destes dez anos de existência, os objetivos foram integralmente cumpridos.

É-me grato reler muitos dos textos entretanto publicados e compreender, através deles, as vicissitudes das decisões e dos processos universitários; acompanhar por seu intermédio o caminho que a torrente universitária vai encontrando, através dos meandros e dos escolhos do percurso, no inexorável devir da sua História; empolgar-me com a leitura de todos os detalhes de preparação do enunciado preliminar do que mais tarde haveria de ser considerada uma decisão acertada; ou emocionar-me com a entrega bem-intencionada a uma opção que acabaria por se mostrar desapropriada. E então, apetece-me gritar: - *não vás por aí!* Neste quadro, a coleção completa da *Rua Larga* constitui um importante acervo de trabalho para a compreensão deste período de profunda reforma universitária que incluiu, entre muitos outros diplomas, duas alterações estatutárias, um novo regime jurídico, um novo estatuto de carreira docente, novas leis de avaliação dos docentes e dos não-docentes, novo



regime de avaliação dos cursos, duas novas leis de contratação pública, a aplicação das diretrizes referentes à construção do Espaço Europeu do Ensino Superior, bem como a criação de quatro novas unidades orgânicas, duas reorganizações profundas da administração e a produção de toda a correspondente regulamentação interna.

A Universidade deve estar grata a quantos contribuíram para que a *Rua Larga* atingisse o patamar de qualidade que unanimemente lhe é reconhecida e que faz dela uma referência nacional das publicações centrais das universidades portuguesas. Pelo meu lado, e já que a direção que me coube da Revista o foi apenas no sentido nominal, desejo uma vez mais relevar o trabalho e a competência dos dois Pró-Reitores que asseguraram, entre 2003 e 2011, os bons resultados alcançados e a quem, por isso, são devidos todos os elogios: os doutores João Gouveia Monteiro e José António Bandeirinha. Quero igualmente reconhecer a qualidade do trabalho desenvolvido pela *Rua Larga* nos últimos anos e desejar à atual Direção as maiores felicidades na prossecução deste nosso projeto comum.

* Reitor da Universidade de Coimbra, de 2003 a 2011.

rua larga dez anos de vida

A revista *Rua Larga* é uma parte de mim. Ajudei a fundá-la na primavera de 2003, no momento em que, a partir do gabinete da Cultura da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), se lançavam também quatro outros projetos: a criação de uma agenda cultural da UC (com uma versão em papel e outra em linha); a requalificação das Semanas Culturais da UC (que pretendíamos elevar à condição da maior realização cultural da Região Centro, com edições temáticas e incluindo cerca de uma centena de novos eventos); os Colóquios de Outono (que visavam possibilitar à comunidade académica e à própria cidade a discussão de grandes temas transversais da atualidade nacional e internacional); e o Prémio UC, que caminha para a sua décima edição e apresenta já uma galeria notável de galardoados, tendo inspirado uma iniciativa análoga da Universidade de Lisboa.

Desde o momento da sua fundação, quisemos que a *Rua Larga* (para mim o mais gratificante de todos aqueles sonhos) fosse um elo de ligação entre a comunidade universitária de Coimbra (dando notícias, apresentando estruturas e projetos, debatendo ideias), mas também o espelho de uma nova imagem da UC (mais atraente, aberta à cidade e ao Mundo, preocupada com as boas causas sociais). A revista

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO *



esteve desde o início centrada na cultura e articulou-se em quatro territórios principais: “Reitoria em Movimento” (informação sobre as atividades da equipa reitoral); “Oficina dos Saberes” (noticiário das atividades em curso nas unidades orgânicas e serviços, completado com a apresentação de equipamentos culturais de toda a Região Centro); “Ao Largo” (entrevistas, criação literária, crónica de opinião, mini-agenda cultural, roteiro de livros novos); e, por fim, um caderno temático colecionável (entretanto desaparecido) destacando um tema central (o primeiro foi sobre o Paço das Escolas, pensando já na candidatura da UC a Património Mundial).

Criámos um quadro de assinantes (com a preciosa colaboração da Associação dos Antigos Estudantes da UC), pusemos a revista em linha, abrimo-la a patrocínios privados (que cobriram cerca de um terço das despesas de produção até 2007) e promovemo-la em livrarias e em eventos culturais diversos. Foi um projeto exigente, mas muito profissional, com uma jovem editora competente (Clara Almeida Santos), um diretor de imagem de altíssima qualidade (António Barros), fotógrafos muito criativos (Paulo Mora e, depois, João Armando Ribeiro), uma infografia cuidada (Pedro Miguel Duarte) e uma equipa de produção e administração dedicadíssima (Ilídio Barbosa Pereira, Isabel Terra, Ana Margarida Roque, Carlos Serra e, numa segunda fase, Luísa Lopes e Lígia Ferreira), para além de um valioso painel de colaboradores regulares. A todos estarei eternamente grato pela sua excelente colaboração.

O projeto causou de início um certo impacto, por ser arrojado e irreverente, mas os resultados do inquérito que realizámos ao fim de 16 meses e a disponibilidade da vasta Comissão de Acompanhamento (com representantes de muitas unidades orgânicas e serviços) que avaliava a revista, garantiram-nos que estávamos no caminho certo. A *Rua Larga* (designação que elegemos por remeter para a principal



artéria da cidade universitária, dando também a ideia da largueza dos nossos propósitos) voou e aumentou a tiragem inicial para 3500 exemplares, abrindo-se cada vez mais à cidade e à cultura contemporânea. Entre 2003 e 2007, cada um dos 16 números que fizemos (com mais de duas dezenas de artigos, fora o destacável temático) foi intensamente vivido, até ao sair das máquinas, nas oficinas da gráfica que imprimia a revista. Aliás, a chegada da *Rua Larga* à ala de São Pedro constituía sempre uma imensa alegria, até porque, dado que a revista saía então quatro vezes por ano, era difícil cumprir os prazos necessários a uma distribuição oportuna da nova edição, de forma a não colidir com os três períodos de férias académicas tradicionais.

Recordo-me de que o nosso Reitor magnífico, Professor Seabra Santos, tinha muito gosto em que a publicação do último número do ano (em outubro) coincidissem com a cerimónia de abertura solene das aulas, o que exigia um esforço suplementar durante o verão; algumas vezes, já sentado nos cadeirais da Sala dos Capelos, esperei ansiosamente até ao momento de ver assomar a uma das janelas do piso superior um dos meus colaboradores, agitando a revista e confirmando desse modo que a nova *Rua Larga* estaria de facto disponível no final da cerimónia, na Sala do Senado...

Tal como referi na apresentação do seu primeiro número, a *rua* era *larga* e o coração também! Obrigado a todos os continuadores deste belo projeto por podermos celebrar agora o décimo ano de vida de uma revista única no panorama universitário nacional.

* Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra, de 2003 a 2007

Tive o enorme privilégio de participar na construção deste ser escrito. Mas feito também feito de uma plasticidade artística que não se limita a ser forma e da qual poucas revistas se podem orgulhar. Isso devemos ao António Barros, única pessoa que se mantém na equipa da revista sem interregnos desde o número zero (sim, houve um número zero).

Depois de sair da *Rua Larga* para enveredar por outros caminhos, sempre continuei a acompanhar, em eixos paralelos ou perpendiculares, a evolução da publicação e as alterações que foi registando, adaptando-se às circunstâncias, momentos e equipas.

Às ruas preferidas volta-se sempre. Sobretudo quando o percurso feito nelas resulta em encontros que marcam uma vida – com uma instituição, com o que nela acontece e, sobretudo, com as pessoas que a constroem. Assim, uma década depois, vejo-me de regresso à *Rua Larga*, com responsabilidades maiores, não sonhadas há dez anos.

Continuarei a deslumbrar-me com esta *Rua Larga*, seja em que condição for, porque lhe conheço os esteios. Por isso, desejo-lhe uma longa vida mas sobretudo um destino sintonizado com uma Universidade que, em qualquer circunstância, se assuma como devedora de uma tradição cultural e estética singulares.

CLARA ALMEIDA SANTOS *

* Editora da *Rua Larga* entre 2003 e 2006/Diretora-adjunta desde 2010.



Gosto muito de andar por ruas de cidades que não conheço. Ao contrário do que acontece em paisagens que mais devem à natureza do que à cultura, gosto de deixar-me ir sozinha nas cidades, deambular sem tempo nem destino. Escolho uma rua (deixando outra para trás) por instinto, pelos edifícios que vislumbro ou pelas árvores que a ladeiam, pelos transeuntes ou pela falta deles. Tento descobrir que sentido fazem as ruas nas redes de que se tecem as urbes, como se encaixam umas nas outras.

Serve esta introdução para dizer que há ruas que começamos a trilhar com gosto, mesmo quando nem fazemos ideia de onde desembocam ou que surpresas escondem no percurso que desenham. Sinto-me, nesta *Rua Larga*, no meio de uma dessas artérias onde tanta coisa já aconteceu. Sou do início, do tempo da fundação da revista. Desafiada pelo Professor Gouveia Monteiro, entrei rua adentro quando ainda nem havia nome. A revista era uma ideia em gestação adiantada, à espera de acontecer, a precisar, imagine-se, de um/a editor/a. E até havia uma licenciatura em Jornalismo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e um mestrado em Comunicação e Jornalismo.

RL#9 jul 2005

Universidade de Coimbra
Os Caminhos da Candidatura
a Património Mundial da Humanidade

RL#10 out 2005

O Círculo

RL#11 jan 2006

Tanto Mar

RL#11 jan 2006

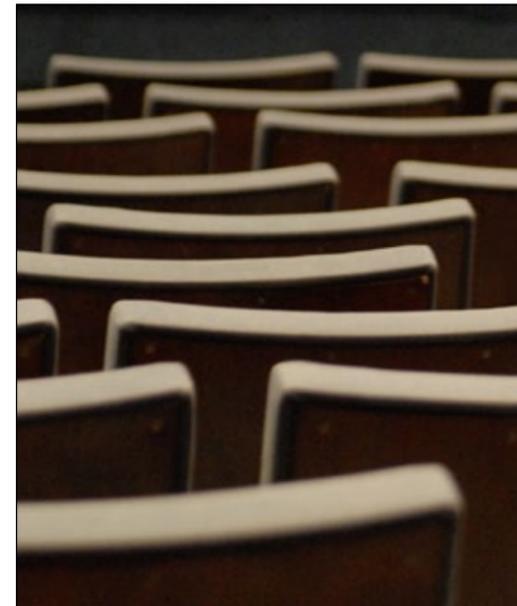
RL#11 jan 2006

aguda proa

ANTÓNIO BARROS *



Resultou texto distintivo do primeiro diretor da *Rua Larga*, Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra, em 2003, algumas palavras colhidas ao pensamento do poeta António Machado (*Proverbios y Cantares*, 1913) "Caminante, son tus huellas el camino, y nada mas; caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Al andar se hace camino, y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar. Caminante no hay camino, sino estrellas en la mar". Regressando assim ao Mar, a esta moldura de pensamento, logo convoca o sentido enunciado: Navegação – soltura sem castigo e sem naufrágio.



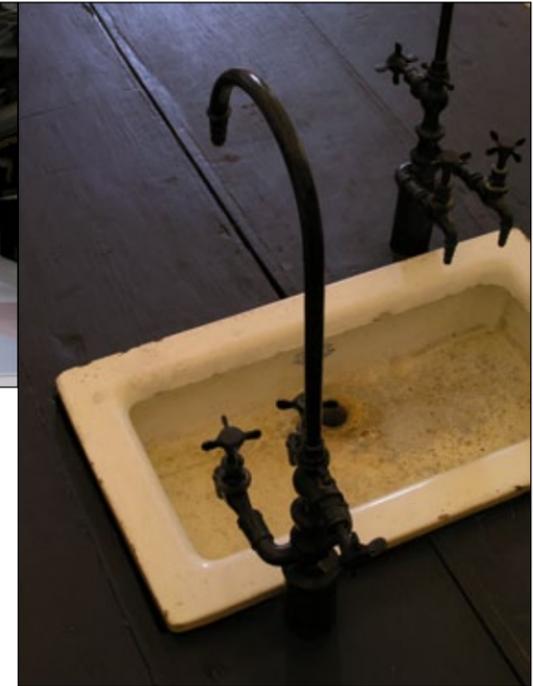
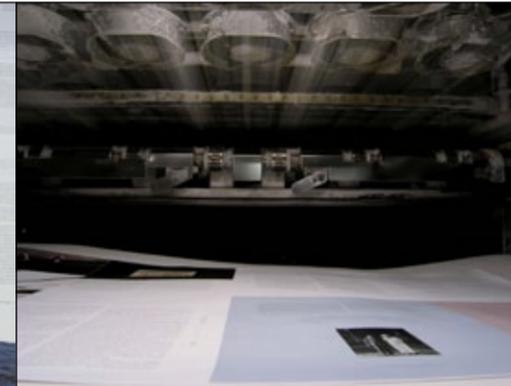
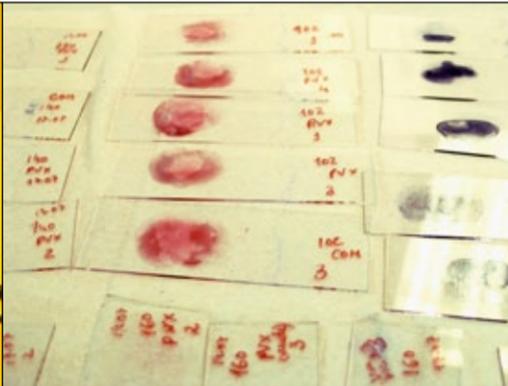
Foi este o caminho procurado, e dito, no que hoje se desenha como uma década e vulto de uma expressiva fração da vida. De uma vida. Nossa. Tão nossa. Marinheira.

Rua Larga, como marca nominal, recidiva patologias convulsivas não só da geografia do lugar rua, esse que enferma uma confusa ferida do Estado Novo, mas também a tendência para ler esta revista como a segunda série de uma publicação outra, antes dignamente surgida e de igual nome dita, e tão distante. Mas, *Rua Larga*, esta que agora cumpre a legenda de "portadora de uma década" de sentires de alma e (*in*)certezas, poéticas, foi gerada como um objeto nascente e único. Como um feto em devir, genômático, que a cada tempo ganha conteúdos, sentido e razões sem compromisso ao nome. Sem alça. Como uma "tarefa aberta", galvânica e consequente. Como um filho anunciado de quem ainda não se conhece o sexo, os valores que abraçará, e o seu desígnio. Tudo tão líquido e mutante como o Mar. A cultura francófona, ou a poética castelhana, olham o Mar como feminino, e isso torna tudo mais fácil para a poesia dos sentidos; ficcionando. Olhamos, nós, o mar *masculinizado*, e isso convoca enfrentamento e uma prudência sem lugar ao medo. Astúcia. Obriga "aguda proa". É esta a condição que chama a navegação num caminho que procura causas maiores. Chama a *chama*. Que convida o abraço. Este braço, revista que acolhe o *dizer* em seu porto de mar – nessa *rua bem larga* – de palavras, imagens, ideias, vontades e revoltas até. É neste contentamento descontente que, o "ser melhor", a cada tempo, no tempo, neste tempo, o tempo obriga e convoca ser. Ser exaltando uma causa singular, e a missão de ilustrar, de modo cada vez mais aceso, o rosto maior de uma instituição superiormente merecedora. Foi, e é esse, o meu zelar. A minha condição caminhante. Navegante. Essa que procuro humildemente solene. Aqui em forma de revista visitável. Habitável. Lugar de vivenciações e exaltação de causas maiores. As que uma Universidade, única no seu modo e grandeza, convoca e obriga.

* Diretor Artístico

larga lusofonia

LUÍSA LOPES *



A *Rua Larga* é o reflexo de uma Universidade aberta aos desafios contemporâneos. Centrada nos diversos saberes e as suas interacções, estabelece também uma forte relação visual e estética, tornando-a assim um objecto ímpar no seio das publicações regulares das universidades portuguesas.

Rua Larga tem sido um inovador instrumento estratégico da Universidade de Coimbra (UC); sendo agora a UC, Alta e Sofia, património mundial, a *Rua Larga* terá reforçada a sua importância na difusão da língua e da cultura portuguesa no mundo.

* Produção *Rua Larga*

RL#15 jan 2007

Miguel Torga em ano de Centenário

RL#15 jan 2007

RL#16 abr 2007

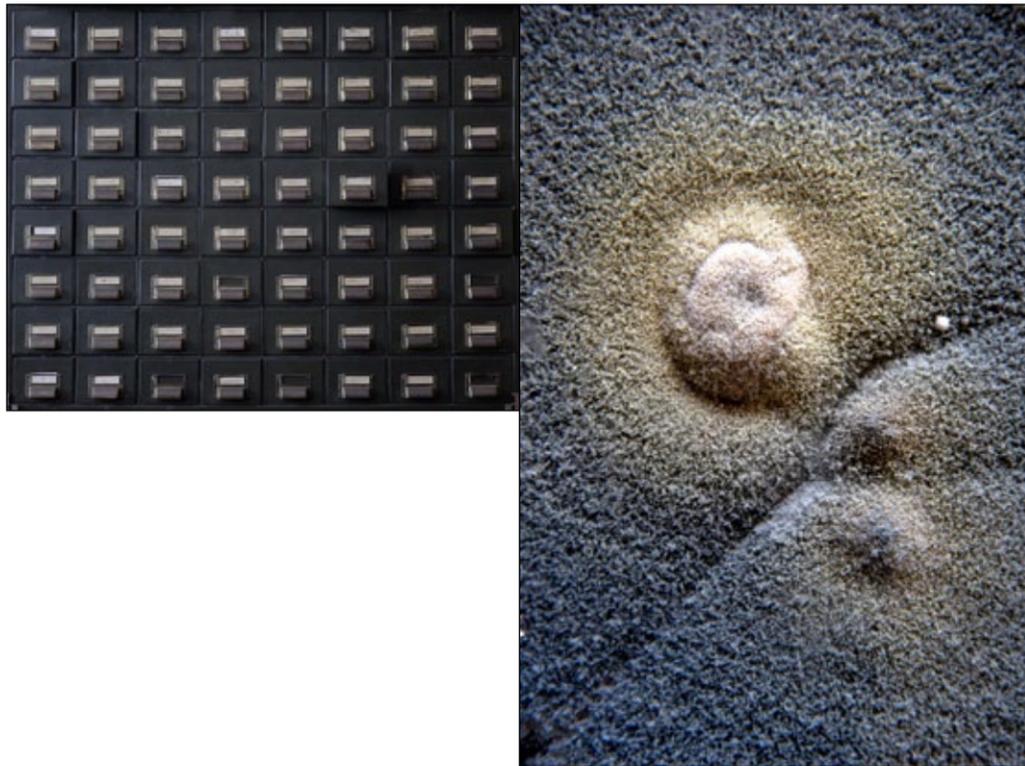
O Museu da Ciência da
Universidade de Coimbra

RL#16 abr 2007

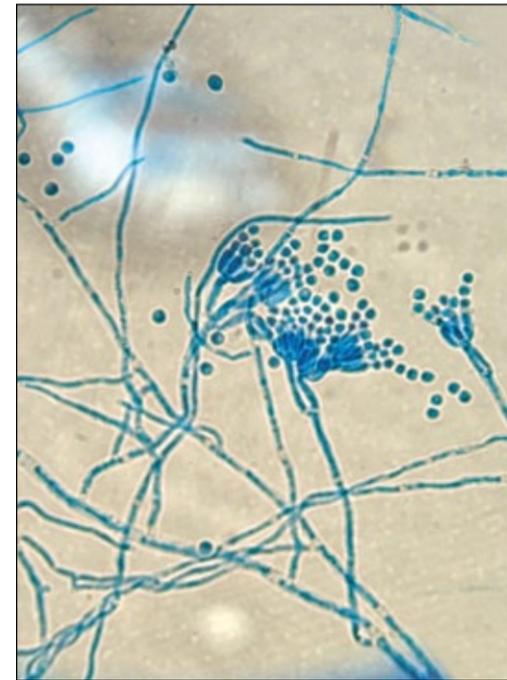
RL#16 abr 2007

Não posso deixar de iniciar este texto com uma felicitação *alargada* a todos quantos colaboraram nesta reedição da *Rua Larga*, que agora completa dez anos de publicação ininterrupta. Felicito, deste modo, um conjunto muito vasto e muito diversificado de pessoas, com responsabilidades de escalas também muito diversas. Foi essa contribuição colectiva que foi estabelecendo, ao longo do tempo, aquilo que constitui, de certo modo, o código matricial da revista. Não seria justo, contudo, nesta minha felicitação conjunta, deixar em branco a menção específica a uma responsabilidade primordial, a de quem, há dez anos atrás, pensou e concretizou a reedição da *Rua Larga*, enquanto revista

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA *



por uma
rua larga
sempre
muito
larga



institucional da Universidade de Coimbra (UC). Refiro-me, claro está, ao Reitor Fernando Seabra Santos, ao Pró-Reitor João Gouveia Monteiro e à sua equipa inicial que, no essencial, continua hoje ainda em actividade.

Trimestral ou quadrimestral, pouco importa, a verdade é que a *Rua Larga* se mantém como um dos mais importantes signos comunicacionais da UC, um signo carregado de qualidade gráfica e editorial, um signo que espelha condignamente a instituição que representa.

Os tempos são difíceis para a Universidade, enredada que está num novelo ontológico de pontas difíceis de destrinçar. Entre o apelo mirífico da adaptação sistemática e aparentemente irreversível àquilo que se designa comumente por *realidade* (estranha esta tendência recente de chamar realidade à ideologia) e o cumprimento de um estatuto radicado na sua história e na sua cultura institucional, um estatuto *sem condição*, como lhe chamou Derrida. Entre a condição de sobrevivência material, que a empurra para um universo de significação imediata, utilitária, contratual, e a condição de sobrevivência identitária e cultural, que remete para o *ethos* histórico de um conhecimento parametricamente livre, que remete para o cumprimento incondicional de uma função e de uma missão, que, embora difíceis de aceitar pelo *status* ideológico actual, constituem, essas sim, o cumprimento zeloso e pleno das suas inalienáveis responsabilidades sociais.

Não é fácil, pois, para uma revista que se assume como a face institucional de uma Universidade, *da* Universidade, percorrer estes tempos com a perseverança e a qualidade editorial com que o tem feito a *Rua Larga*.

RL#17 jul 2007

Revisitação do Sol

RL#18 out 2007

Por Diferentes
Causas

RL#19 jan 2008

120 anos da Associação
Académica de Coimbra

RL#19 jan 2008

RL#20 abr 2008

30 anos de Centro de Estudos Sociais
X Semana Cultural

Mas o que faz com que a revista tenha percorrido estes conturbados tempos, ao longo dos últimos dez anos, cumprindo cabalmente o seu papel de divulgação e representação da Universidade, sim, mas sobretudo cumprindo um papel de divulgação cultural e científica, fazendo-o sempre com uma tranquilidade tal que chega a parecer distância, com uma profundidade tal que chega a parecer apatia, com um rigor tal que chega a parecer altivez? Não existe uma resposta final, peremptória, para esta questão, como é natural. Mas, em meu entender, desde o seu momento fundacional e ininterruptamente até aos dias de hoje, os sucessivos responsáveis pela *Rua Larga* foram sempre entendendo um pressuposto essencial para que isso se concretizasse.

Dada a sua relação intrínseca, nem sempre explícita, não é possível falar de Universidade, tal como a vimos entendendo até ao momento, sem falar de cultura. É uma relação solidária, mas respeitadora da autonomia dos contextos de cada uma delas. São como pregas paralelas de um mesmo tecido, por vezes sobrepõem-se, por vezes permanecem em tensão, conjugam-se no padrão e na textura, confundem-se na representação de si próprias e não se entende muito bem qual a que fica voltada para fora e qual a que fica voltada para dentro. Acima de tudo, não é possível conceber a dimensão segundo a qual se interpenetram se não através do todo, da sua complementaridade inclusiva, só no jogo dos balanços recíprocos e harmonizados é que se



pode definir o ponto de equilíbrio através do qual qualquer uma delas está apta a potenciar o sentido da outra. Como tal, ambas se constituem também como reflexo da força dos ventos que sopram num determinado momento. As suas oscilações mútuas resultam, assim, como consequência, activa ou reactiva, dos contextos, são moldadas pela acção dos pensamentos e das práticas dominantes sobre o tecido social.

O entendimento dessa relação fez com que a *Rua Larga*, cumprindo sempre o seu papel primordial, de imagem institucional, não deixasse nunca de ser uma publicação preocupada com a vastidão do sentido interpretativo do mundo que envolve a esfera mais restrita da comunidade universitária que a lê, quer do ponto de vista artístico, quer do ponto de vista científico, quer mesmo, porque não dizê-lo, do ponto de vista ético, político. A Academia de Coimbra, em particular, foi desenvolvendo uma actividade cultural prolífica e altamente qualificada. Em determinados

momentos da história, foi mesmo marcante para a caracterização do todo nacional. Não se pode falar de teatro português, por exemplo, sem mencionar a actividade do teatro universitário, em Coimbra; não se pode falar de música tradicional portuguesa, sem mencionar a música de Coimbra, que foi, em tantos momentos, o cadinho de harmonização de tradições musicais oriundas de pontos muito diversificados do território nacional. Seria, pois, tentador para uma revista universitária de Coimbra cingir-se ao estudo e divulgação desse património de *dentro para dentro*. Não foi esse, porém, o entendimento das diversas direcções da revista, foi pensar a partir desse nosso *background* comum, sim, mas dirigindo a reflexão e a produção que lhe está associada para uma plataforma global de encontros e confrontos com o mundo que nos rodeia, foi tratar dos temas que nos são pertinentes, alargando simultaneamente o universo dos que nos são comuns. Foi, enfim, esse entendimento que fez com que a *Rua Larga* não deixasse nunca de ser uma revista eminentemente cultural.

Tal como numa cidade, a *largura* das suas ruas tem uma relação estreita com a generosidade do espaço que nos é comum, que é público, conseguido em negociação política com aquele que é ocupado pelos interesses individualizados. É *larga* porque a comunidade entende que assim deve ser, de forma intrínseca, consuetudinária, não pelo cumprimento mesquinho e escrupuloso de qualquer articulado regulamentar ou contratual, seguramente não só pelo utilitarismo restrito dessa dimensão transversal. É *larga* porque todas as suas dimensões estão harmoniosa e artisticamente proporcionadas, porque representa e reflecte um equilíbrio e uma proporcionalidade cujo aprofundamento social ultrapassa em muito a mera colagem de uma fórmula expeditamente retirada de um tratado. A cidade, sempre a cidade, fornece-nos a metáfora ideal para o título da nossa publicação. A *Rua Larga* não a desmereceu, nunca, mas, mais do que isso, tentou devolver-lha, passo a passo, ao longo destes últimos dez anos.

Não posso deixar de dedicar estas linhas ao João Mesquita, Jornalista com maiúscula, como tive oportunidade de escrever na data em que nos deixou, editor da *Rua Larga*, homem de raríssima integridade e detentor de uma das mais lúcidas e apaixonadas visões políticas sobre esta cidade, nela englobando sempre a Universidade.

*Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra, de 2007 a 2011.

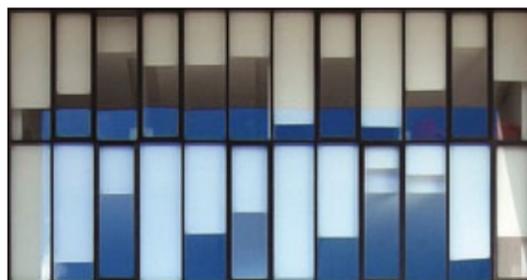
a mais larga das ruas

MARTHA MENDES *

A Rua Larga de calçada e pedra é calcorreada há muitos séculos por estudantes de capa e batina, pensadores, professores, promotores de tertúlias e debates. A outra *Rua Larga*, a de papel, tem sido percorrida nos últimos dez anos por ideias, palavras, imagens, sonhos, projetos. A vida toda de uma instituição. Em passo leve mas seguro; demorado e observador quando assim se impõe.

Há dez anos, no editorial de abertura, o então reitor da UC, Fernando Seabra Santos, apresentava a publicação como "simultaneamente, arauto e espelho de uma Universidade renovada, aberta aos desafios do tempo e marcada por uma incessante procura de qualidade", mas também "centrada na cultura, ancorada numa relação que se deseja harmoniosa entre o passado e o futuro". Dez anos volvidos, ela é apresentada como "uma revista aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra" que tem sabido ser larga o suficiente para lá caberem também a cidade, a região, o país. E o mundo, por onde andam espalhados muitos antigos estudantes de Coimbra.

Que nos próximos dez anos a *Rua Larga* continue a expandir as raízes que começou a criar em junho de 2003 na Alta Universitária e a assumir-se cada vez mais como esse espaço simbólico de partilha e de reunião, de encontro e de debate. Que as suas margens continuem a alargar todos os dias para fazer dela a mais larga das ruas. Larga, tão larga, que nela possa caber tudo: as Humanidades, a Arte, a Ciência, o Desporto, a História e muitas estórias. E a Literatura. E a Poesia, de volta ao seu lugar devido. Porque, como nos lembrou García Lorca, "a poesia é algo que anda pelas ruas". Mas só por ruas suficientemente largas.



A rua é um espaço público, partilhado, aberto a todos, de acesso livre, que inclui o direito de circular, parar, observar, conversar. Aprender. As ruas podem ser vielas ou avenidas. Becos ou alamedas. Podem ser entendidas como espaços vazios, deixados livres pelas construções urbanas que as ladeiam. Espaços à espera de serem preenchidos, vividos. Podem ser estreitas. Devem ser largas.

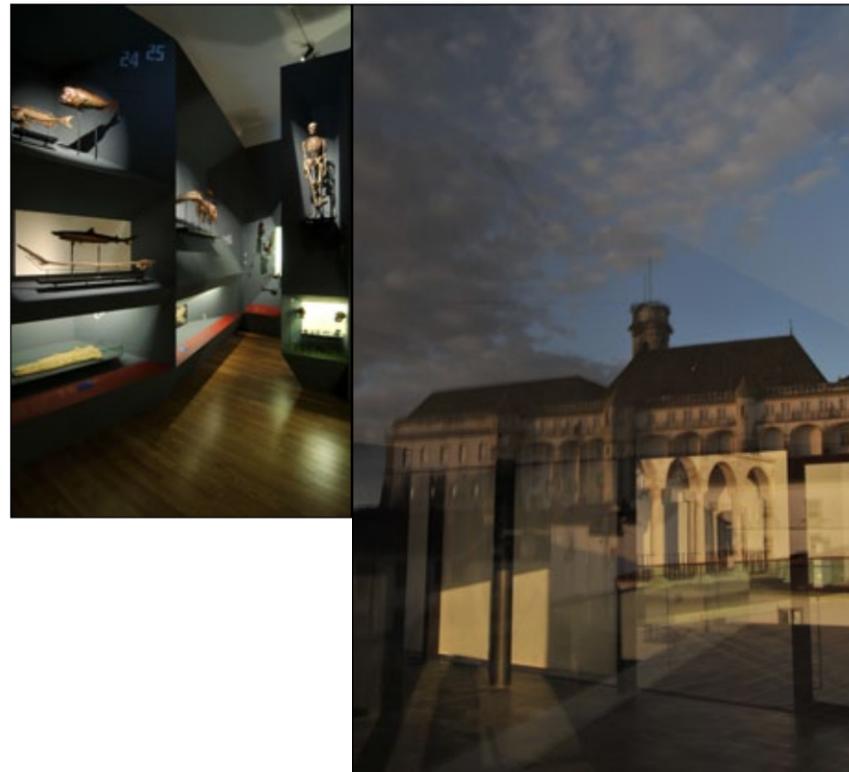
A rua aponta para um conceito de urbanidade e de identificação com as pessoas: mais do que local de passagem, é lugar de permanência, de convívio e socialização. A arte de rua "conversa" com quem dela usufrui: é concebida e estruturada para estar ao ar-livre, em interação direta com as pessoas, fora dos museus. É urbana. Livre, democrática. É de todos. A rua dá espacialidade às relações sociais e à vida quotidiana. É movimento, tempo, memória. Referência. E identidade. Saímos à rua para festejar, para a revolução e para a luta. Pelo direito de protestar, de nos indignarmos, de nos mostrarmos descontentes. Livres. E a rua, larga, arejada, ampla, é o abrigo dessa liberdade.

Em Coimbra, a Rua Larga é a artéria que liga o Largo D. Dinis à Porta Férrea da Universidade. É um símbolo e uma marca, e marca presença nos postais ilustrados da cidade, na canção de Coimbra e nas memórias dos antigos estudantes. Aqui, nestas páginas, empresta há já uma década o seu nome e a sua simbologia à revista da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC) e já em tempos havia amadriñado uma outra revista da Associação de Antigos Estudantes da UC.

* Editora do número 26 da revista *Rua Larga*.

rua larga a pertinente missão de apontar caminhos

PEDRO DIAS DA SILVA *



O facto de ter ajudado a burilar uma publicação como a *Rua Larga* (entre os números 25 e 34) permitiu perceber que as representações e temas que se mitificam nos processos de construção da sua identidade procuram promover uma unidade discursiva, que faz esquecer as desigualdades que existem na Universidade de Coimbra (UC) – o seu território de ação – para juntar todos e todas no mesmo campo e ajudar a melhorar a auto-estima coletiva.

Nessa perspetiva, a *Rua Larga* não procura ser uma revista de charme, mas antes uma ideia pragmática de imagens e representações. Por um lado, procura assinalar a grandeza, modernidade e potencialidades da UC. Por outro, tem abordado, de forma “crítica”, o reverso desse espelho mítico e as suas respetivas narrativas, nomeadamente, dificuldades, fatalismo da periferia e do subdesenvolvimento. Sempre entre a tormenta e a esperança, com a pertinente missão de apontar caminhos.

Dos dez números em que integrei a equipa editorial poderia destacar vários artigos. Não o faço por respeito a todos os que de forma graciosa ajudaram a construir essas edições. Ainda assim, pela força documental dos textos e das imagens, sinto-me impelido a nomear a entrevista ao cineasta Pedro Costa, galardoado com o Prémio UC, pela sua intensidade, sagesa e pertinência, e a rubrica “Espaço das Escolas”, por ser uma importante área reflexiva das constâncias e mudanças operadas na arquitetura e urbanismo dos distintos polos da UC.

* Co-editor da *Rua Larga*, do número 25 ao 34.
Gestor de Informação do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

rua larga mais do que uma revista um objeto



De conteúdo cuidado, atual e pertinente no contexto académico a *Rua Larga* é mais do que uma revista – é um objeto. Depois de folhear, eventualmente ler um par de artigos de interesse particular para o leitor este tem vontade de olhar, olhar colocando o objeto/revista em vários locais e posições. A *Rua Larga* é um objeto cheio de objetos que dá vontade de manusear, que nos ‘alarga’ pela forma, que nos enriquece pela estimulação sensorial.

Ao contrário do que a lógica sugere, a criação de um objeto não é determinada apenas pela função a que está destinado cumprir. Componente essencial do processo criativo do objeto é o de ser uma entidade física de uma cultura. E como todas as atividades culturais são simbólicas de algo, até o mais comum dos objetos contém uma carga simbólica de relevo para a sociedade.

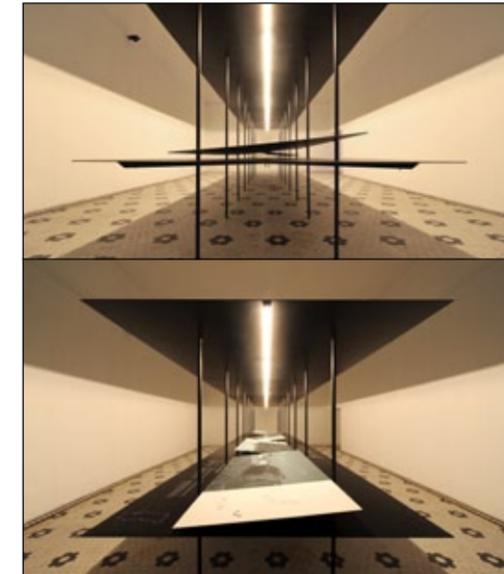
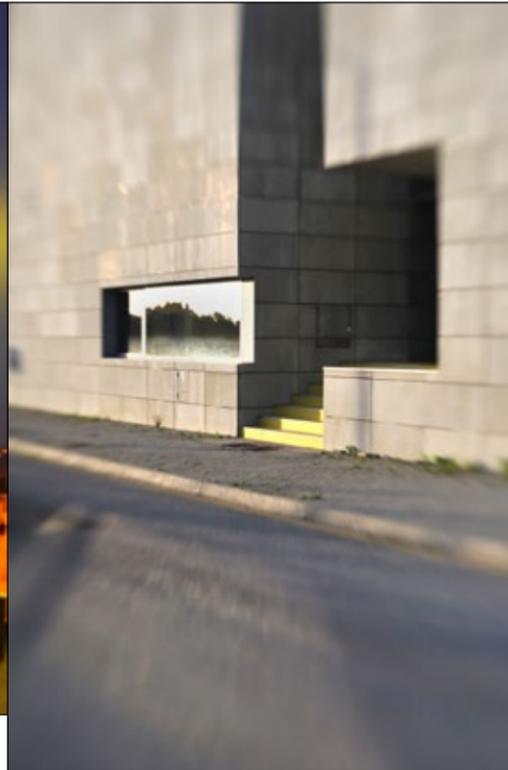
Qual é então o simbolismo do objeto *Rua Larga*? Para além de um objeto que projeta uma universidade pós-modernista é um objeto de aceitação da diversidade de olhares. Nas palavras de Jeff Koons: “For me art has been a vehicle of self-acceptance. That started with the idea of accepting objects — external things in the world — then moved into what it’s really about, the acceptance of others.”

* Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.



ainda falta cumprir um espaço novo

JOÃO MIRANDA *



Não era motivo de presunção, muito menos de pavoneamento tosco, mas existia ali qualquer coisa de reconhecimento. Quase que uma recompensa, refletida na sensação de folhear as pesadas páginas da revista e encontrar o nosso trabalho numa coluna de texto, num canto de página ou mesmo numa porção de folhas paginadas e ilustradas com um requinte que, então, nos inflamava o ego. Era a concretização pragmática de horas seguidas de teoria da escrita, de formulações gramaticais e de discussão de concepções e noções ainda desbarbadas, para uns, ou o adivinhar da publicação de uns tantos textos, já então em carteira, para outros.

Mas, tínhamos essa consciência, era bem mais do que isso. Era mais do que uma simples publicação. Era o devolver à Universidade o que é seu. Mais do que a materialização prática do que aprendíamos e debatíamos à mesa das salas das faculdades, criávamos ali, ou ajudávamos a criar, um espaço comum. Um espaço que, como confluente que o encarávamos, falhava então apenas pela sua difusão. E um espaço pelo que nos dispúnhamos a lutar. Passou pouco tempo desde então, e nada mudou assim tanto. E talvez por tudo isto, toda essa ideia continue a fazer sentido.

* Doutorando da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Ex-redator da *Rua Larga*.

RL#29 jul 2010

RL#29 jul 2010

RL#30 out 2010

Ano Internacional
da Biodiversidade

RL#31 fev 2011

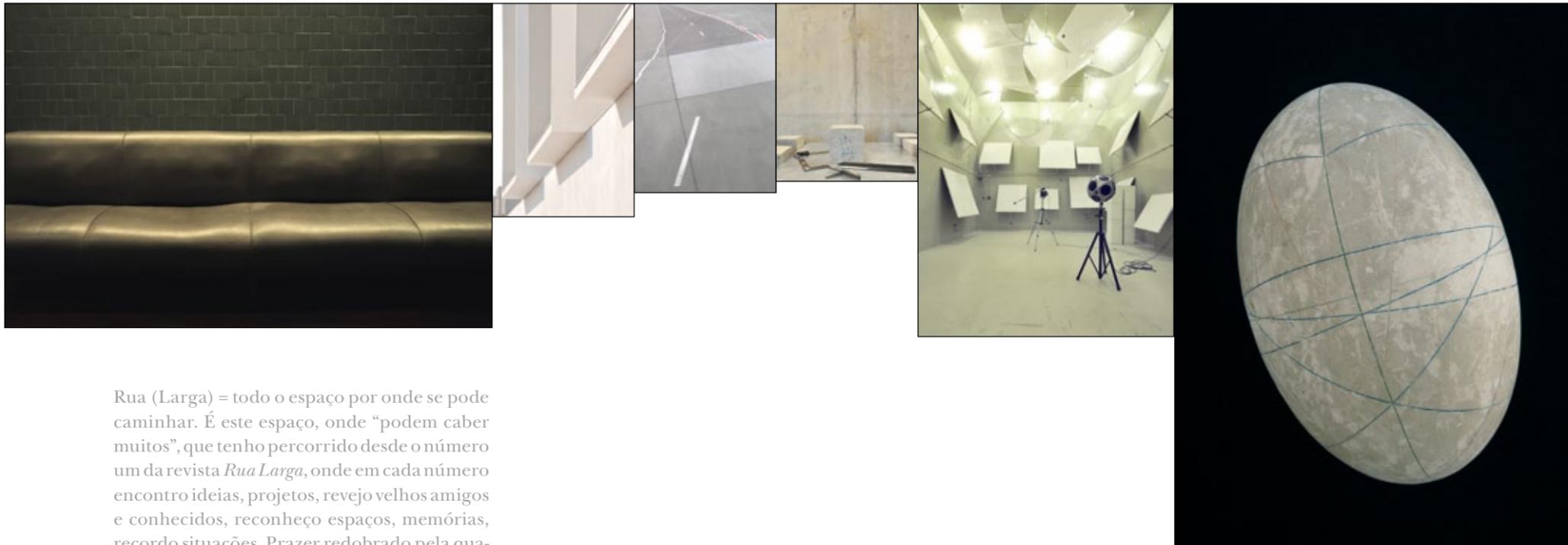
Reinventar a Cidade

RL#32 mai 2011

XIII Semana Cultural da
Universidade de Coimbra

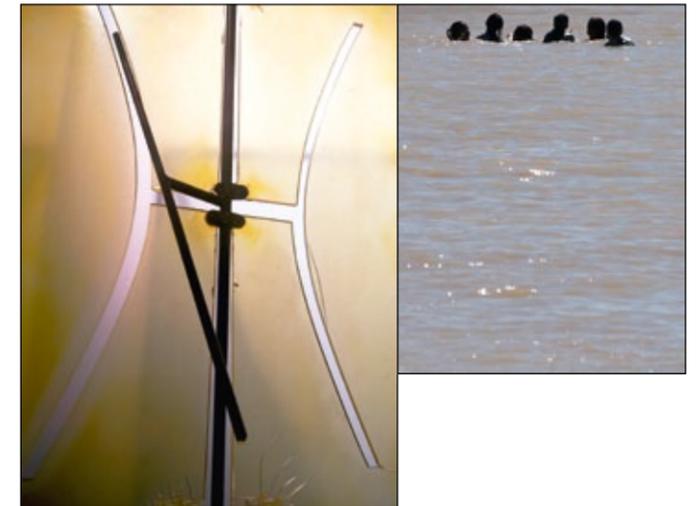
MARIA MANUEL ALMEIDA *

todo o espaço onde se pode caminhar



Rua (Larga) = todo o espaço por onde se pode caminhar. É este espaço, onde “podem caber muitos”, que tenho percorrido desde o número um da revista *Rua Larga*, onde em cada número encontro ideias, projetos, revejo velhos amigos e conhecidos, reconheço espaços, memórias, recorro situações. Prazer redobrado pela qualidade gráfica que foi apurando e que a torna num “objeto” que dá prazer folhear (tocar).

* Técnica Superior da Universidade de Coimbra



RL#33 nov2011

A Universidade hoje

RL#33 nov2011

RL#34 mar2012

RL#35 jul2011

XIV Semana Cultural
da Universidade de
Coimbra

RL#35 jul2012

Arte(s) e Ciência(s)
reunidas

RL#35 jul2012

RL#35 jul2012

Recriar Universidade
Alta e Sofia

RL#36 dez2012

RL#37 abr2013

XV Semana Cultural da
Universidade de Coimbra

← fotografia: João Armando Ribeiro

42

RL #38 | OFICINA DOS SABERES IMPRESSÕES

DELFIN LEÃO *
CARLA MARQUES **

Desenha-se, neste espaço, um breve esboço das revistas da Universidade de Coimbra (UC), que ultrapassam em número as quatro dezenas e são um claro sinal da vitalidade científica e cultural da instituição. Algumas são publicadas há décadas, outras não cumpriram ainda o primeiro ano de existência ou estão até a ser planeadas nos bastidores da ciência, mas todas enfrentam idênticos desafios: preservar a memória, reforçar a qualidade, a abertura ao exterior e a internacionalização, lidar com a visibilidade e a responsabilização potenciadas pela era digital. É uma dinâmica necessária e essencial, que a UC está profundamente empenhada em promover e apoiar, mas em cujo sucesso as direções das revistas têm um papel de primeiro relevo.

AS REVISTAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA DINÂMICAS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

Annals of Research in Sport and Physical Activity é uma publicação da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, publicada em papel e em formato digital pela Imprensa da UC. Está ligada ao projeto ID@UC e encontra-se na plataforma *Impactum* (UC Digitalis).

Antropologia Portuguesa tem como editor o Departamento de Antropologia e dá continuidade a *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*. O número de 2014 comemora o centenário de existência e prepara também a migração para o digital, com chancela da Imprensa da UC.

O *Anuário da Sociedade Broteriana*, o *Boletim da Sociedade Broteriana* e *Memórias da Sociedade Broteriana* são três revistas do Departamento de Botânica, já extintas, mas que integram os fundos da *Alma Mater* (UC Digitalis).

Biblos é uma revista publicada pela Faculdade de Letras, especialmente dedicada aos estudos humanísticos. Nos últimos números tem privilegiado a publicação de volumes temáticos.

O *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* é uma publicação da Biblioteca Geral, que esteve suspensa durante alguns anos e regressou, em 2010, em formato digital, através do projeto ID@UC. O tema principal desta publicação é a valorização dos fundos documentais da Biblioteca Geral da UC.

O *Boletim da Faculdade de Direito* é uma publicação com quase um século de existência e acolhe, em particular, trabalhos decorrentes da atividade académica e científica da Faculdade de Direito.

O *Boletim de Ciências Económicas* é uma revista de periodicidade anual, publicada também pela Faculdade de Direito, desde 1952. Encontra-se em fase final de carregamento na plataforma *Impactum* (UC Digitalis).

O *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* acolhe trabalhos no âmbito da História e da Arquivística, que promovam em especial os fundos do Arquivo da UC. É uma publicação eletrónica, com apoio do ID@UC e chancela da Imprensa da UC. Está carregada no *Impactum* (UC Digitalis).

Os *Cadernos de Geografia*, publicados pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Letras, têm como objetivo principal divulgar a investigação científica na área da Geografia.

Os *cadernosdejournalismo* são uma publicação periódica, iniciada com chancela da Imprensa da UC, cujo objetivo é divulgar os melhores trabalhos académicos de estudantes da Licenciatura em Jornalismo.

Conimbriga publica trabalhos sobre Arqueologia Romana, Pré-histórica e História Antiga, sendo editada pelo Instituto de Arqueologia. Desta revista faz parte o suplemento *Ficheiro Epigráfico* que divulga inscrições romanas inéditas.

digitAR é uma revista científica iniciada em 2013, em formato digital, sendo dedicada aos temas da Arqueologia, Arquitetura e Artes, e publicada pelo Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. Tem o apoio do ID@UC e encontra-se carregada no *Impactum* (UC Digitalis).

Em cima do joelho pertence ao Departamento de Arquitetura da UC e terminou a sua publicação em 2009, após dez anos de atividade e 12 números publicados. Sucedeu-lhe a *Joelho*, dedicada à Arquitetura e ao Urbanismo, com a mesma redação editorial da anterior e o apoio do ID@UC.

Estudos do Séc. XX é uma revista publicada pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX e conta com doze números editados. A publicação tem a chancela da Imprensa da UC e está carregada no *Impactum* (UC Digitalis). Também com edição do mesmo centro, há os *Cadernos do CEIS 20*, cuja publicação foi iniciada no ano de 2000.

Humanitas é uma revista científica publicada pelo Instituto de Estudos Clássicos, sobre estudos clássicos, medievais e renascentistas, e conta com sessenta e cinco números publicados.

O *Boletim de Estudos Clássicos* é publicado pelo mesmo Instituto e pela Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, somando quase 30 anos de existência. Ambas as revistas possuem agora chancela da Imprensa da UC e estão em fase adiantada de migração para o *Impactum* (UC Digitalis).

Index Seminum et Sporarum era um catálogo anual publicado pelo Jardim Botânico, com a lista de sementes que tinha disponível para troca com outras instituições. Foi publicado entre 1868 e 1923.

Lex Familiae é uma revista científica da Faculdade de Direito e dedicada ao Direito da Família; *Lex Medicinæ* é publicada pela mesma Faculdade e tem como tema principal o Direito da Saúde.

MATLIT: Revista do Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura é uma publicação eletrónica, lançada em 2013, como forma de articular o trabalho letivo e a produção científica do Programa de Doutoramento “Estudos Avançados em Materialidades da Literatura”.

Memórias e Notícias é uma revista editada pelo Departamento de Ciências da Terra, tendo o primeiro número sido publicado em 1921. Tem o apoio do ID@UC.

Murphy: Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo é uma publicação periódica bilingue, entretanto descontinuada, publicada pelo Departamento de Arquitetura e dedicada à história da arquitetura e do urbanismo.

A Revista *Instituto: Revista Científica e Literária* foi uma revista publicada pelo Instituto de Coimbra, entre 1852 e 1981, num total de 141 volumes, e encontra-se integralmente digitalizada em mais de 76 mil páginas disponíveis, em <http://bdigital.bg.uc.pt>.

A Faculdade de Psicologia publica duas revistas: a *Psychologica*, publicação quadrimestral que abrange as várias áreas de estudo da Psicologia, e a *Revista Portuguesa de Pedagogia*, que promove a investigação ligada às Ciências da Educação. Ambas têm o apoio do ID@UC e chancela da Imprensa da UC, encontrando-se também carregadas no *Impactum* (UC Digitalis).

RevCEDOUA é uma publicação periódica do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente, publicada em formato papel e em digital. Encontra-se carregada no *Impactum* (UC Digitalis).

A *Revista Crítica de Ciências Sociais* é uma revista científica do Centro de Estudos Sociais (CES), publicada em papel e em formato eletrónico. O CES publica ainda a revista *e-cadernos*, somente em formato eletrónico, bem como a *Oficina do CES*, que acolhe em particular projetos e trabalhos de investigadores que integram o CES.

A *Revista de História das Ideias* é editada pelo Instituto de História e Teoria das Ideias e conta com trinta e três números publicados.

A *Revista do Centro de História da Sociedade e da Cultura* é uma edição do Centro de História da Sociedade e da Cul-

tura, publicando estudos que versam temas de natureza histórica, desde a Idade Média à Época Contemporânea.

A Secção de Filosofia da Faculdade de Letras publica, semestralmente, a *Revista Filosófica de Coimbra*, a fim de divulgar os trabalhos científicos na área da Filosofia, desde a Antiguidade até à atualidade.

Desde 1941, a *Revista Portuguesa de História* é publicada pelo Instituto de História Económica e Social e tem como temas principais a História Portuguesa e Mundial.

A *Revista Portuguesa do Dano Corporal* é uma revista publicada pela Associação Portuguesa de Avaliação do Dano Corporal, incidindo em especial sobre a avaliação médico-legal dos danos à integridade física e psíquica do ser humano. Tem chancela da Imprensa da UC e encontra-se carregada no *Impactum* (UC Digitalis).

Textos de Matemática é um periódico publicado pelo Departamento de Matemática com textos de Matemática de nível avançado, tendo sido iniciado em 1993.

A *Via Latina ad Libitum*, publicada desde 1889, com algumas interrupções no decurso dos anos, é a revista da Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra e divulga a atividade cultural da Associação Académica e da cidade de Coimbra.

A revista *Rua Larga* é a revista da Reitoria da UC. Existe há precisamente dez anos, tendo nascido em Junho de 2003. Sempre ancorada na cultura, pretende ser uma *rua* apontada a todos os caminhos da instituição. Originalmente, publicação trimestral, passou, em 2011, a quadrimestral e sujeita a um tema específico. Encontra-se, também, online, em: www.uc.pt/rualarga.



* Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra.

** Colaboradora da Imprensa da Universidade de Coimbra

ALMANAQUE DA

Saudade

CAROLINA SILVA E ANDRÉ TEJO *

Cerca de 50 anos antes de ser lançada a revista *Rua Larga* como hoje a conhecemos, existiu em Coimbra uma publicação homónima da responsabilidade dos antigos estudantes da Universidade. Embora o nome seja comum, a forma e o conteúdo das duas publicações são absolutamente distintos. Com 54 edições lançadas entre 1957 e 1961, a antiga *Rua Larga* ocupava-se exclusivamente de assuntos relacionados com a Academia de Coimbra e convidava todos os antigos estudantes a escrever sobre assuntos respeitantes à vida académica.

Distribuída em formato A5, a revista apresentava sempre o mesmo desenho estilizado numa capa monocromática - a Torre da Universidade e a Porta Férrea afiguravam-se ao leitor em diferentes cores, conforme o mês; ao lado, um sumário com os títulos e autores de cada artigo davam a conhecer os conteúdos da edição. Os primeiros números contavam com uma componente ilustrativa muito tímida, quase inexistente; porém, o avançar dos meses trouxe mais fotografia e ilustração às páginas da *Rua Larga*. Por outro lado, manteve-se uma parca presença publicitária na revista, contrastando com muitos dos jornais da época, onde o “réclame” ganhava um protagonismo cada vez maior. Os poucos mas pitorescos anúncios surgiam, em regra, na penúltima página da publicação, em registo preto-e-branco, e relembram-nos marcas que outrora faziam parte do quotidiano da zona centro, tais como o café da Fábrica Estrela da Beira, a Mabor ou a Triunfo.

Quanto ao conteúdo textual, algumas secções marcavam presença regular na publicação, como é o caso do “Correio da *Rua Larga*” e das “Recordações Desportivas” assinadas por António Correia. Todos

os números contavam também com duas páginas de efemérides académicas. A opinião e a reflexão crítica tinham lugar cativo na *Rua Larga* dos antigos estudantes, tanto mais que, em 1957, quando os estudantes reunidos em Assembleia Magna discutiam os ataques “às tradições” pela imprensa, a *Rua Larga* chegou a ser criticada por publicar um texto crítico da praxe académica. Ainda assim, dado o contexto temporal, todos os números foram visados pela Comissão de Censura.

Mais do que uma revista de cariz informativo, a *Rua Larga* focava-se em aspetos recreativos, com particular ênfase nos acontecimentos culturais e desportivos da Académica. Durante os anos em que foi publicada, a revista também manteve acesa a memória da Velha Alta. Naturalmente, uma vez que a publicação estava a cargo de antigos estudantes da Universidade de Coimbra, a saudade ocupa um papel absolutamente capital na temática da *Rua Larga* - como exemplos, importa referir os inúmeros textos de reflexão sobre vicissitudes do quotidiano académico ou os numerosos poemas a enaltecer a cidade. As recordações da vida na Academia assumem tal protagonismo no seio da revista que, simultaneamente, foram editados alguns fascículos intitulados “Saudades de Coimbra”, onde se compilavam os acontecimentos mais relevantes da vida coimbrã entre 1901 e 1950. Os suplementos eram enviados gratuitamente aos assinantes da antiga *Rua Larga*, que não se limitavam geograficamente a Coimbra - a publicação era lida noutras zonas do país, existindo até um preço destinado a assinaturas no Ultramar.

* Antigos alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

46
RL #38
RIBALTA

14 de Abril de 1943. A destruição das casas da Rua das Parreiras, onde se localiza o actual Arquivo da Universidade de Coimbra (UC), marca o início da transformação da Velha Alta. O objetivo, imposto pelo Governo do Estado Novo, era destruir os prédios da zona mais elevada de Coimbra e erguer uma Cidade Universitária que espelhasse os ideais do regime - assim nasceu o Pólo I da UC.

Em Fevereiro de 1944, as obras chegam à Rua Larga; a primeira casa demolida pertence ao Café Lusitano. Além de residências, farmácias, cafés e leitarias, a destruição da Rua Larga levou à transferência da Sociedade Filantrópico-Académica e da sede da Associação Académica de Coimbra para outras artérias da Alta. A casa de Eugénio de Castro também desaparece no processo. As expropriações e demolições afetaram cerca de 300 prédios e sofreram um interregno porque “o Governo não previra as dificuldades de alojamento que existiam em Coimbra”, segundo palavras do então reitor, Maximino Correia. Era necessário realojar quase três mil pessoas, o que se traduz em cerca de 6% da população de Coimbra, de acordo com o censo de 1940.

A 23 de Outubro de 1947, depois da destruição da Rua Larga na Velha Alta de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) decide atribuir o mesmo nome a uma rua do Bairro das Sete Fontes, em Celas. 60 anos depois, estudantes de Medicina acabados de chegar à cidade deixam-se enganar pelo GPS e, no lugar da Faculdade, encontram um bairro social de casas baixas onde todos os vizinhos se conhecem e cumprimentam. É como uma aldeia dentro da cidade, cuja planta se assemelha a uma roda de bicicleta.

Contudo, se atualmente Celas é parte ativa da urbe, há cerca de meio século a situação era bem diferente. A zona não estava devidamente integrada na cidade de Coimbra e servia, apenas, como área residencial isolada, com difíceis acessos e transportes escassos - “uma autêntica ilha” segundo António Pedro, que saiu da Velha Alta aos três anos

de idade para residir no Bairro de Celas. Esta realidade contrastava fortemente com a Alta Coimbrã, onde fervilhavam tradições, usos populares e dinâmicas culturais diversas. A Velha Alta era muito mais que um dormitório para os que lá habitavam e a forte ligação emocional que existia entre a zona da cidade e os salatinas dificultou a súbita transição imposta pelo Governo. As fogueiras de S. João, por exemplo, são constantemente invocadas pelos antigos moradores da Velha Alta como “as mais belas da cidade”. Os salatinas que se mudaram para o Bairro de Celas deram continuidade à iniciativa que deixou de se realizar há três anos. Ainda assim, é com notória saudade que “ainda hoje se fala nelas”. Também a Feira dos Lázarus continuou a marcar os domingos salatinas e, hoje, realizam-se na Alta e no Bairro de Celas.

De facto, perante o peso da herança histórica e cultural da Alta, o realojamento em meados do século XX foi polémico e suscitou alguma resistência por parte dos moradores. No entanto, volvidos mais de 60 anos, é quase consensual entre salatinas que a mudança foi positiva, particularmente no que concerne às condições habitacionais - espaço, higiene e planeamento urbanístico.

Isabel Oliveira, por exemplo, tinha 11 anos quando trocou um T2 precário “mas aseado” por um T3 novo e com melhores condições. Na Alta, a família vivia num apartamento sem casa de banho, apenas com uma sanita no canto da sala; aqueles que tomavam banho, tinham que o fazer com uma bacia ou um alguidar. As casas eram “velhas, muito antigas, havia ratos por todo o lado”. Na nova habitação, em Celas, Isabel passou a ter uma sala e uma casa de banho com chuveiro. “Já era uma casa em condições” por apenas 90 escudos por mês. O marido de Isabel, Álvaro Oliveira, saiu da Velha Alta aos oito anos mas manteve sempre uma forte ligação à zona da cidade que nunca deixou de frequentar. Hoje assegura que se a Alta fosse a mesma, “era uma miséria”.

Aquando da mudança, Isabel e Álvaro garantem que não houve falta de informação e falam nas visitas que foram organizadas ao novo Bairro, onde os salatinas puderam escolher as habitações. Contudo, nem todos aceitaram bem o realojamento e ainda houve muita resistência. Isabel lembra que, apesar das condições deficientes em muitas habitações, também havia “casas muito jeitosas” na Velha Alta. Além disso, Álvaro recorda que a freguesia da Sé Nova chegou a ser “das maiores de Portugal” e lamenta que, depois das obras no Estado Novo, mais de metade dos habitantes tenha saído da Alta.

O Bairro de Celas, mais cuidado que as ruas da Velha Alta, continuou a ser desenvolvido através de vários investimentos por parte da autarquia. O chão, inicialmente empedrado e irregular, foi alcatroado quase na totalidade. O saneamento e a iluminação também foram reabilitações importantes no Bairro, que hoje é muito sossegado à noite. A integração na cidade também se foi conseguindo paulatinamente com a construção de edifícios de utilidade pública na zona de Celas, como o Instituto Português de Oncologia, a Escola de Enfermagem e os Hospitais da UC.

No Bairro há, atualmente, casas novas e outras com 64 anos, algumas têm jardins bem tratados e outras estão vazias – para António Pedro, falta apenas reabilitar as habitações mais antigas para melhorar a qualidade de vida nas Sete Fontes. Contudo, os planos camarários que preveem a reforma habitacional não têm sido levados até ao fim - “faz-se agora uma e deixa-se estar, depois a seguir faz-se outra”.

Em 2005, António Pedro vivia numa habitação notoriamente deteriorada, na Rua das Cozinhas, mas foi aconselhado pela CMC a não avançar com obras. Falaram-lhe num plano autárquico de reabilitação que seria posto em prática no Bairro de Celas e terminaria em 2010. As obras seriam financiadas pelo programa Prohabita e o objetivo do vereador Gouveia Monteiro passava pela recuperação

de 93 casas, com 4.7 milhões de euros. O processo não avançou conforme planeado por “manifestar falta de verbas” mas, em compensação, a CMC ofereceu a António uma casa nova no mesmo quarteirão - “Gostava de ter ficado na Rua das Cozinhas, mas saiu-me o euromilhões”.

Quem hoje passear pelas ruas circulares do Bairro das Sete Fontes, ainda pode encontrar alguns vestígios da Velha Alta. A estátua de S. João será, porventura, o mais emblemático caso. Situada no centro do Bairro, serve de companhia a muitos moradores que, tal como António Pedro, se reúnem no largo. É aí que, por vezes, “ficam entretidos à conversa até às nove da noite”. O sentimento de pertença à Velha Alta está também patente nos nomes da cada rua (Rua das Cozinhas, Rua do Castelo, Rua Larga), batizadas em honra de outras já desaparecidas da toponímia da Alta.

Pelo Bairro de Celas passeiam-se também outros moradores que nada têm a ver com a Velha Alta. Henrique mudou-se para as Sete Fontes quando chegou a Coimbra. Ficou em casa de familiares e, mais tarde, foi buscar a esposa, Idalina. Não têm qualquer afinidade à Alta, mas vivem em Celas há mais de 40 anos e é por isso que conhecem alguns salatinas. Todavia, dizem haver “cada vez menos no Bairro porque estão a envelhecer”. Além disso, os jovens já não se fixam ali - tanto os filhos de António como os de Álvaro e Isabel mantiveram-se em Coimbra, mas residem noutras zonas da cidade.

Hoje em dia, os salatinas juntam-se mensalmente no Parque de Campismo para almoços de convívio e partilha de recordações. Os avós levam filhos e netos mas Isabel e Álvaro não acreditam que as tradições salatinas perdurem por muito mais anos - afinal de contas, são cada vez menos aqueles que conheceram a Velha Alta com o “Código dos Cães” do Café Pirata e a leitaria do Raúl.

* Antigos alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

UMA RUA MAIS LARGA

A TRANSIÇÃO DOS SALATINAS DA VELHA ALTA PARA O BAIRRO DE CELAS



CAROLINA SILVA E ANDRÉ TEJO *

HUMANIDADES DIGITAIS: AS HUMANIDADES NA ERA DA WEB 2.0

MANUEL PORTELA *

Na última década aumentou de frequência a utilização da expressão 'Humanidades Digitais' para designar um paradigma de investigação que pressupõe a assimilação da processabilidade automática dos meios digitais como instrumentos de transformação metodológica na produção de conhecimento nas humanidades. A categoria 'Humanidades Digitais' passou entretanto a constituir também um descritor de publicações periódicas, coleções de livros, projetos de investigação e novos programas de ensino, mostrando que se trata de uma tendência com implicações nos modelos atuais e futuros de investigação. Embora a computação para as humanidades tenha uma longa história com mais de 50 anos – como se pode verificar, por exemplo, através da emergência da linguística computacional desde os anos 1960, com o desenvolvimento de técnicas de análise textual e linguística automática, incluindo concordâncias, análises lexicométricas e estilométricas, geradores de texto e tradução automática –, a situação atual parece ter implicações epistemológicas e metodológicas transversais para o campo das humanidades no seu conjunto.

Por um lado, a ubiquidade da mediação digital em rede das últimas duas décadas criou um novo espaço de comunicação e de interação que afeta, por exemplo, as práticas de investigação e de ensino. Podemos pensar em projetos que tiram partido precisamente do potencial dessa

reticularidade ubíqua, que liga sujeitos e objetos no espaço eletrónico, para transformar métodos de investigação e de ensino. Aquilo a que chamo 'investigação em linha' [*online scholarship*, em inglês], isto é, um modo de investigação que usa as capacidades agregadoras e colaborativas do próprio espaço eletrónico para produzir novos modos de produção e partilha de conhecimento científico, seria um bom exemplo de como a realidade tecnocultural da rede transforma as humanidades. A agregação de bases de dados dispersas por diferentes locais, com a possibilidade de pesquisa integrada, anotação colaborativa e manipulação simulada instancia essa virtualidade. O desenvolvimento de plataformas que permitem criar coleções reconfiguráveis de objetos digitais, que depois são submetidos a diversos tipos de análise comparativa, tem implicações metodológicas significativas.

Entre dezenas de exemplos possíveis, refiro três projetos que visam incorporar as condições de produção da Web 2.0 nos processos de produção de conhecimento humanístico: Collex (2008-2012; www.collex.org), Annotation Studio (2011-2014; <http://www.annotations-studio.org/>) e CELL (Consortium for Electronic Literature, 2012-2015; <http://eliterature.org/cell/>). O agregador Collex, desenvolvido por um consórcio de centros, universidades e projetos de investigação norte-americanos, é um conjunto de ferramentas

de construção de coleções e de anotação que permite agregar conjuntos de objetos digitais para estudo, ensino e investigação. Annotation Studio, em desenvolvimento no MIT HyperStudio, é um conjunto de ferramentas web de anotação multimédia que pretende dar aos estudantes a possibilidade de anotar ficheiros de texto, imagem, vídeo e áudio. O projeto CELL, dirigido pela Electronic Literature Organization, visa desenvolver uma taxonomia comum para a literatura eletrónica e tornar interoperáveis as bases de dados que estão em construção em diferentes países. Em todos estes casos, a investigação centra-se na criação de aplicações web, em regime de código aberto, que permitem aos utilizadores realizar operações de manipulação do universo crescente de objetos digitais de acordo com protocolos de leitura e análise humanísticos.

Por outro lado, a crescente representação dos artefactos da cultura humana sob forma de código processável (isto é, a digitalização massiva do arquivo da cultura humana a partir das anteriores fontes impressas, sonoras, filmicas, etc.), o aumento das capacidades de processamento e memória do *hardware*, e o desenvolvimento exponencial do *software* (linguagens de programação; programas; algoritmos) tornaram possíveis múltiplas formas de análise e representação automática, designadamente todas as que dependem da recuperação e comparação de grandes quantidades

de informação, segundo variáveis que podem ser parametrizadas formalmente. Podemos pensar, por exemplo, em projetos de investigação que usam ou desenvolvem aplicações para produzir análises e criar novas representações de objetos provenientes de disciplinas como história, filosofia, linguística, estudos literários, estudos culturais, estudos artísticos, estudos fílmicos ou geografia. Um exemplo que tipifica esta tendência é o trabalho de Franco Moretti, na Universidade de Stanford. Moretti tem mapeado o desenvolvimento histórico e social do romance através de técnicas de 'leitura distante', isto é, através da visualização de padrões gerados pela prospecção de dados em grandes conjuntos de textos (de algumas centenas às dezenas de milhar). Trabalho similar tem sido desenvolvido por Lev Manovich, da Universidade de Columbia, proponente de um método que designa como 'análise automática dos padrões da cultura através da estruturação agregada que decorre da existência dos artefactos culturais sob a forma de objetos digitais. Esta análise de padrões foi testada em grandes conjuntos de imagens (pinturas de determinada época ou de determinado autor; capas de revista; centenas de milhar de páginas de banda desenhada), mostrando a possibilidade de estudar géneros e estilos em larga escala. Num e noutro caso, as técnicas de visualização automática geram padrões que abrem novas possibilidades interpretativas. O que têm estes modos de produção de conhecimento humanístico de novo? Qual a função da qualificação 'digital' na produção desse novo? As tendências de investigação recentes neste campo epistemológico mostram dois conjuntos de respostas diferentes no processo de mediação digital dos objetos e dos métodos das humanidades. Um grupo

de respostas incorpora as ferramentas digitais, muitas das quais concebidas em domínios científicos com uma natureza fortemente instrumental, procurando transformar os métodos da disciplina em causa de modo a conformar-se à lógica da ferramenta. Disso são exemplos projetos de prospecção e visualização de dados em grandes quantidades de texto ou de imagem ou de imagem em movimento. Trata-se de adotar metodologias quantitativas no domínio da análise da linguagem, da literatura, da história, da cultura e das artes, que suplementam ou desafiam as práticas de análise hermenêutica de objetos singulares ou de pequenos conjuntos de objetos.

Um segundo grupo de respostas procura conceber as próprias ferramentas digitais de acordo com os protocolos de conhecimento próprios das práticas das humanidades, isto é, com a consciência da dimensão interpretativa e inter-subjectiva do conhecimento humanístico. Por outras palavras, trata-se de usar as capacidades da tecnologia digital de um modo infletido que consiga incorporar categorias como a temporalidade, a historicidade e a subjetividade específica das representações e dos seus códigos próprios. Neste caso, o esforço centra-se em pensar e construir a componente 'digital' de um projeto de modo a incorporar os métodos humanísticos de produção de conhecimento. No Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, encontra-se em desenvolvimento um projeto de arquivo digital do *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa (2012-2015; www.uc.pt/fluc/clp/inv/proj/ldod) que pode ser integrado nesta lógica. Quando concluído, o *Arquivo LdoD* gerará comparações automáticas entre os fac-símiles digitais autorais e as quatro edições críticas do livro, possibilitando ainda aos utilizadores a criação de edições virtuais bem como a produção de

variações a partir dos fragmentos do livro. Cabe ainda referir que a necessidade de codificar objetos e formalizar problemas para que possam ser tratados computacionalmente favorece cruzamentos disciplinares. Um exemplo dos cruzamentos disciplinares promovidos pela adoção da simulação interativa como modo de conhecimento humanístico é o projeto 'Rome Reborn' (2008-2012; <http://romereborn.frischerconsulting.com/>), desenvolvido por um consórcio de centros de investigação, universidades e empresas de *hardware* e *software*, lideradas pelo Institute for Advanced Technology in the Humanities, da Universidade da Virgínia. Neste projeto, que consiste num modelo digital da cidade de Roma no ano 320 d.C., combinam-se a informação arqueológica atualizada sobre os edifícios e locais simulados virtualmente com *software* de modelação e navegação 3D, adaptado a partir de aplicações para desenho em arquitetura e para jogos computacionais.

A capacidade simulatória do meio digital altera os modos de representação da informação, suplementando a escrita, os diagramas e a fotografia com um conjunto de possibilidades interativas e exploratórias, que estão programadas nos modelos para favorecerem novas intuições. A configuração futura das 'Humanidades Digitais' resultará da dinâmica entre a componente humanística e a componente digital, que dependerá, por sua vez, das práticas e métodos progressivamente instituídos pelos inúmeros projetos em curso, que procuram reimaginar as humanidades para a era da Web 2.0.

* Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



Elements of the model
© 2008 The Regents of the
University of California,
© 2011 Université de Caen
Basse-Normandie,
© 2012 Frischer Consulting.
All rights reserved.
Image © 2012 Bernard Frischer
<http://romereborn.frischer-consulting.com/>

Coimbra tem todas as condições para ser, como quer ser, a melhor Universidade portuguesa

52

RL #38 | AO LARGO
ENTREVISTA

ENTREVISTA

Emílio Rui Vilar

MARTA POIARES

Emílio Rui Vilar nasceu no Porto, em 1939, mas licenciou-se em Coimbra, em 1961, na Faculdade de Direito. Por linhas direitas, escreveu um percurso rico em folhas distintas, tanto no tema como no modo: política, gestão, banca, energia, cultura foram alguns pontos de partida de um enorme percurso. Afastou do caminho a prudência e conquistou, discretamente, inúmeros *reinos*. Foi quadro diretivo das mais relevantes instituições públicas e privadas e o seu currículo é infindável. Deu, inclusivamente, passos na política, como Secretário de Estado do Comércio Externo e Turismo do I Governo Provisório e, no mesmo ano, como Ministro da Economia dos II e III Governos Provisórios (1974/75). Eleito deputado em 1976, foi ainda Ministro dos Transportes e Comunicações do I Governo Constitucional, até 1978. No setor da cultura, sempre na proa da sua vida, presidiu à comissão de fiscalização do Teatro Nacional de São Carlos, foi comissário-geral de Portugal na Europália '91, na Bélgica, vice-presidente do conselho de administração da Fundação de Serralves e administrador da sociedade Porto 2001. Foi, ainda, durante dez anos, Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Regressou agora, aos 73 anos, à advocacia, como advogado consultor da PLMJ, um dos maiores escritórios portugueses; e a Coimbra, tornando-se presidente do Conselho Geral da Universidade.



Nasceu no Porto, mas estudou na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (UC). Porquê Coimbra?

Na altura, só havia Direito em Coimbra e Lisboa, e Coimbra foi a opção óbvia, porque era mais perto do Porto.

Como foram os tempos de estudante, em tempo de luta(s)?

Era um tempo totalmente diferente dos tempos atuais. Estávamos no antigo regime. A Universidade era uma instituição pesada, solene, distante. Mas a vida académica era bastante rica para quem tivesse preocupações e quisesse participar nela. O meu tempo de Coimbra começou, precisamente, com a contestação ao célebre decreto-lei 40900*, que o Governo da altura tinha feito publicar sobre as associações de estudantes. Este conseguiu que a Academia, independentemente, até, de posições políticas, tenha reagido de forma quase unânime contra a forte limitação da vida associativa que esse diploma significava. Licenciei-me em 1961, *annus horribilis* para Salazar, e, portanto, saí de Coimbra antes da crise académica de 1962. No entanto, participei nas eleições da primeira direção de esquerda da Associação Académica, que foi a direção presidida pelo Carlos Candal, no mesmo ano em que fui presidente do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC).

Por falar em CITAC, sei que a cultura era, já, uma parte importante da sua vida.

Sim, para além de ter sido um aluno razoável na Faculdade de Direito, graças em boa parte a, no primeiro ano, ter tido 14, fui presidente do Conselho Cultural da Associação Académica, fundador do Círculo de Artes Plásticas (CAP, atual CAPC), e fui o quinto presidente do CITAC.

Como se aprofundou tamanha ligação à cultura?

Eu já trazia do liceu uma certa vivência e uma certa experiência de atividades culturais. E, realmente, em Coimbra, naquela altura, a Academia oferecia essa possibilidade a quem quisesse fazer teatro, por exemplo. Como não havia artes plásticas, nós criámos o CAP. Acima de tudo, eram espaços onde, além de se reforçarem os laços de convivalidade, se dava alguma expressão a uma rebeldia de natureza política, visto que havia a possibilidade, pelo menos subliminarmente, de se passarem algumas mensagens.

Era, também, uma espécie de prenúncio do posterior percurso profissional?

Penso que sempre fez parte de mim próprio, esse interesse por muitos temas e uma certa curiosidade que me leva a procurar aprender outras coisas e a vivê-las de uma maneira não passiva.

A primeira vez que visitou a Fundação Calouste Gulbenkian, de cujo Conselho de Administração foi presidente durante 10 anos, foi algo curiosa...

Foi. A primeira vez que entrei na Fundação, então estavam os edifícios atuais em construção e a Fundação funcionava nuns edifícios pré-fabricados ao longo da Avenida de Berna, foi em outubro de 1960. Fui falar com o Professor Ferrer Correia, que era meu professor, para lhe pedir um apoio que nos permitisse contratar Luís de Lima como encenador do CITAC. E recebemos esse apoio.

Imaginava, no futuro, que iria estar lá noutro papel?

Estava totalmente fora do meu horizonte, até porque, naquela altura, sabia que o meu horizonte imediato, a seguir à licenciatura, era o serviço militar. Em 1960, ainda não havia a guerra em África, mas aconteceu alguns meses depois, em março de 1961.

Como foi encarar o serviço militar, depois de um momento tão culturalmente efervescente como aquele que viveu?

Dadas as minhas convicções – eu não era favorável à Guerra Colonial – quando soube que ia ser mobilizado, passei algumas noites e alguns dias de grande reflexão interior sobre se devia ir ou se devia desertar. Mas depois decidi ir, porque foi claro para mim, naquela altura, que não queria carregar a dúvida de ter desertado por ter medo da guerra.

Dívida que o iria acompanhar o resto da vida.

Sim. Fui e passei 15 meses na zona de intervenção Norte... Portanto, tive uma experiência que também do ponto de vista humano, considero enriquecedora. Afinal, só nos conhecemos bem a nós próprios em determinadas situações, e nem sempre essas situações ocorrem numa vida tranquila e urbana.

Por norma, é nos extremos que nós nos conhecemos melhor. 55 anos depois, um outro “extremo”: regressa a Coimbra, noutro papel, completamente diferente. Como é que encarou esta eleição para presidente do Conselho Geral da UC, tendo sido, nas palavras de quase toda a gente, “uma escolha fácil e óbvia”?

Quando fui desafiado para ser um dos dez membros cooptados do Conselho Geral, entendi que seria uma maneira de retribuir à Universidade aquilo que da Universidade, da Academia, tinha recebido enquanto estudante, enquanto dirigente estudantil. Também me pareceu que podia, com a experiência que fui adquirindo ao longo da vida, dar algum contributo numa perspetiva de alguém que era exterior e distante da Universidade, visto que não tive um percurso académico. Dei meia dúzia de aulas no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras em 1972, mas achei que não havia condições, e depois, em 1998, fui convidado pela Universidade

Católica do Porto para reger uma cadeira de opção, o que fiz até ser eleito presidente da Gulbenkian. Portanto, não tinha uma carreira académica, mas pensei que poderia dar à Universidade o contributo de alguém com essa experiência do exterior.

Nélson Coelho, representante dos estudantes do 3.º ciclo, referiu, na altura da sua eleição, que a discussão acerca do Conselho Geral não foi propriamente conclusiva em relação às comissões a formar.

Foi. Estão constituídas as novas comissões permanentes.

Considera que foi conclusiva?

Fiz uma proposta de alteração do regimento do Conselho, foram criadas cinco comissões permanentes e poderão ser criadas comissões *ad hoc*. As permanentes criadas estão constituídas e estão definidos os seus membros. Houve uma que já reuniu duas vezes, que é a Comissão de Gestão, Recursos e Sustentabilidade. E as outras comissões estão todas formadas: Comissão de Investigação e Ensino, Comissão de Inovação e Transferência de Conhecimento, Comissão de Cultura, Cidadania e Comunicação, e Comissão de Estratégia Global. Algumas já têm a primeira reunião marcada.

Por outro lado, Luís Rodrigues, representante do primeiro e do segundo ciclos, afirmou que havia um desejo de que o Conselho Geral fosse “mais transparente”. Acha que o Conselho Geral é um órgão suficientemente aberto à comunidade?

Tenho a preocupação que o Conselho Geral seja um órgão transparente e *accountable*, para usar uma expressão que anda muitas vezes ligada a transparência. Transparência e *accountability*. E tudo farei para que assim seja. Neste momento, ainda não tenho a experiência e o recuo suficiente, visto que estou no Conselho Geral há menos de um ano e houve agendas muito carregadas. Houve muitas questões que foi necessário resolver, e o Conselho tem tido reuniões extremamente longas, mas espero que quando entrarmos em velocidade cruzeiro seja possível organizar os procedimentos de comunicação que tornem a nossa atuação absolutamente transparente. Atualmente, as atas do Conselho Geral refletem na íntegra todos os debates. Ora, esses debates, para serem inteiramente livres, têm que ser reservados, e portanto, para além de ter esse registo completo com todas as intervenções e todas as nuances daquilo que se passa nas reuniões, teremos que ter instrumentos para comunicar as deliberações. E nós temos muito poucos meios. Espero poder encontrar os mecanismos para tornar a atividade do Conselho absolutamente transparente. Isso é, certamente, uma das minhas preocupações.

Havia algumas vozes que se levantaram em relação ao facto de o Conselho Geral apenas reunir quatro vezes por ano, mas...

Sei que no passado reuniu mais.

...que pode reunir sempre que assim for necessário.

...E certamente, este ano, vai reunir mais de quatro vezes. Já reuniu três, vai reunir em breve e está, pelo menos, marcada uma outra reunião em novembro.

Acha que quatro vezes eram insuficientes para aquela que se quer como uma sede de supervisão e estratégia da UC?

Não quero emitir juízos sem ter a experiência necessária para os poder emitir. Penso que, quando cheguei, talvez por ter havido um hiato entre as eleições e a tomada de posse, se tinham acumulado bastantes questões que obrigavam à intervenção do Conselho Geral. Tudo vai depender, também, do resultado do trabalho das comissões, que só agora é que vão começar a atuar. Mas quatro reuniões é o mínimo estatutário. Farei as reuniões que forem necessárias, não só para as deliberações serem tomadas em tempo útil, como para o Conselho Geral poder funcionar como o órgão de reflexão estratégica, que é essa uma das suas razões de ser em termos do governo da Universidade. Considero que ainda estou na fase ascendente da minha curva de aprendizagem de uma realidade muito vasta e muito complexa que é a Universidade e do próprio funcionamento de um órgão tão extenso. São 35 membros, e portanto, temos de encontrar os métodos de funcionamento que o tornem eficaz, sem haver nenhum prejuízo para a emissão livre e completa de todas as opiniões.

Considera que este tempo de profundas mudanças, que, como disse, “nos obrigam a ser ágeis e perspicazes”, tem vindo a descredibilizar a Universidade enquanto instituição?

A sociedade portuguesa está a atravessar uma fase de transformações muito profundas. Desde logo, não podemos ignorar os dados da demografia, que se refletem, inevitavelmente, no número de pessoas que acedem à idade de entrar no Ensino Superior. Por outro lado, estamos a experimentar uma crise económica, financeira e social muito profunda, e que já leva vários anos. A crise desencadeou-se internacionalmente em 2007, atingiu particularmente a Europa a partir de 2008, e, portanto, já lá vão cinco anos de crise. Isso tem, naturalmente, reflexos nas famílias e nas perspetivas dos jovens. Não podemos ignorar esse fator. Tal como também não podemos ignorar tudo o que está a acontecer na transmissão do conhecimento, em que as novas tecnologias trouxeram oportunidades concorrenciais ao tradicional ensino

presencial. Os MOOC (*Massive Online Open Courses*) são uma realidade e, com os constrangimentos económicos que existem, com a preocupação, muito presente, hoje, nos jovens, da empregabilidade, é natural que ao lado da opção universidade se coloquem outras opções.

Acha que a Universidade terá de se tornar, naturalmente, mais competitiva?

Penso é que é altura - talvez no próximo ano, visto que a Universidade está a percorrer um plano estratégico que termina em 2015 – de se delinear um novo plano estratégico, correspondendo ao ciclo da responsabilidade reitoral, e de a Universidade fazer também um estudo de natureza prospetiva, com uma definição de cenários de prazo mais dilatado. Não só o correspondente ao novo quadro de financiamento comunitário, como mais além. É muito importante pensarmos a Universidade no horizonte de 20 anos. É evidente que os cenários que nós agora desenharmos não se vão reproduzir, mas o estudo, reflexão, a elaboração desses cenários ajudar-nos-á, sem dúvida, a compreender melhor todo este enorme processo de mudança que está a ocorrer na sociedade portuguesa, na sociedade europeia, e num âmbito mais global. A Universidade não pode deixar de, ela própria, fazer essa reflexão.

Coimbra é um caso particular?

Certamente que esta minha análise é uma análise superficial, mas penso que a UC, a seguir ao 25 de Abril, teve - como todas as universidades, mas Coimbra teve-o de uma maneira tumultuosa - um período de crise, de instabilidade, a que se seguiu um período em que se terá valorizado mais a sua pacificação interna e os ganhos de estabilidade, do que uma preocupação de ganhar competitividade. E foi um período em que outras universidades, designadamente, algumas universidades criadas em 1973 (estou, sobretudo, a pensar nas do Litoral – Minho, Aveiro e Nova de Lisboa) se lançaram de uma maneira muito competitiva. Nos últimos anos, acho que a UC tomou consciência disso, e que, na última década, teve uma preocupação muito acentuada de reocupar o lugar que é seu, de liderança. Não só como a universidade mais antiga, mas como a universidade icónica dentro da universidade portuguesa. É evidente que a UC está em patamares de excelência e com uma capacidade de captação de alunos e de internacionalização, mas é algo que importa muito reforçar.

Pensa que o Ensino Superior não é, de todo, um setor protegido, no cenário político nacional?

Não é. Na União Europeia existe liberdade de prestação de serviços. E quem estiver atento, vê que muitas



universidades se estão a lançar nas licenciaturas e nos mestrados internacionais, como um vetor de crescimento e de afirmação. Naturalmente que a UC tem de se afirmar, também.

O atual orçamento das universidades, discussão regular na ordem do dia, implica uma perda de autonomia para a Universidade?

O Governo veio esclarecer a questão do limite às receitas próprias e foi dito claramente que era um mal-entendido. O financiamento das universidades está sujeito a esta situação de tutela financeira em que o país está também. E, portanto, enquanto Portugal não ganhar, novamente, plena soberania financeira, será muito difícil encarar possibilidades de crescimento de financiamento. Agora, aquilo a que se assistiu é, realmente, um corte muito profundo do financiamento da Universidade.

Que impacto poderá ter essa descida abrupta?

Essa descida decorre de uma situação financeira do país, que nós conhecemos e as universidades não ignoram. Estas têm de ser solidárias com o esforço global do país. No entanto, também não podemos deixar de reconhecer que, em primeiro lugar, a autonomia das universidades está consagrada na Constituição – salvo erro, no artigo 76 da Constituição da República. Em segundo lugar, é na Universidade que o país vai ter de encontrar as condições para inverter esta situação. É através de mais gente qualificada, é através de mais centros de excelência na investigação. É através de maior traslação do saber, que nós poderemos passar a ser um país mais produtivo, mais competitivo e, portanto, economicamente mais apto. Desinvestir na Universidade será desinvestir no futuro. A autonomia significa, também, a responsabilidade e o dever que as universidades têm de procurar, não só gerir o melhor possível os recursos de que dispõem, como encontrar mais fontes autónomas de financiamento. E, ao mesmo tempo, serem absolutamente transparentes no uso desses recursos. Mas este balanço é um balanço que nem sempre é fácil. E, sobretudo, aquilo que me parece mais criticável é não haver uma perspetiva de médio prazo, não ser dado às universidades um horizonte de estabilidade em que estas possam programar e possam fazer o ajustamento necessário. Informações sobre limites orçamentais dadas de véspera não ajudam a uma boa gestão.

Chegou à política em 1974, como Secretário de Estado do Comércio Externo e Turismo do I Governo Provisório. Nesse mesmo ano, tornou-se Ministro da Economia dos II e III Governos Provisórios, até 1975. É eleito Deputado à Assembleia da República em 1976, deixando o cargo para integrar o I Governo Constitucional, como Ministro dos

Transportes e Comunicações, de 1976 a 1978. Considera que foi uma entrada precoce e intensa na vida política?

O facto de ser muito novo não foi exclusivo no meu caso. Houve um corte geracional com o 25 de Abril e, portanto... Eu já tinha tido alguma intervenção, se não quiser dizer política, mas cívica, como fundador e primeiro presidente da Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (SEDES), e foi através da SEDES que entrei no primeiro Governo Constitucional, como secretário de Estado, e depois como ministro, no segundo e no terceiro provisórios. Depois estive no primeiro governo constitucional. Mas quando, em janeiro ou fevereiro de 1978, terminou o primeiro Governo Constitucional, fiz uma opção muito clara de regressar à vida profissional e de considerar que a minha vida política tinha terminado.

Por que colocou esse ponto final?

Achei que a minha vocação era mais profissional e não política. Mas continuei, naturalmente, como um cidadão empenhado e atento e, de alguma maneira, interveniente através de várias formas. O cargo que, por exemplo, agora aceitei presidir - Conselho Consultivo das Fundações -, resultou não de uma opção política, mas da indicação pelo Centro Português de Fundações, que, pela lei, tem direito a indicar três elementos do Conselho Consultivo.

A questão das fundações é, também, um assunto que tem estado na ordem do dia.

Ainda não há muita experiência com esta nova lei-quadro, mas há alguns aspetos que terão que ser melhorados. A lei da economia social obriga à revisão do estatuto jurídico das fundações e é natural que no próximo ano esse seja um dos pontos de agenda. A questão que se pode pôr é, também, em relação às universidades-fundações. Tive conhecimento de um anteprojecto de revisão do RJIES que interferia com isso. Não sei em que estado está esse projecto. Entretanto, houve a mudança de secretário de Estado do Ensino Superior. Aquilo que o RJIES diz é que o diploma, que é uma lei de 2007, deve ser avaliado ao fim de cinco anos. Ora, que eu saiba, essa avaliação ainda não foi feita. E talvez valesse a pena pensar, em primeiro lugar, na avaliação da experiência do atual regime, ouvir todas as entidades envolvidas, antes de se avançar para uma revisão que acho que merecia um trabalho prévio mais consistente e mais demorado. Aliás, a nível europeu, há algumas instituições que podiam dar alguma ajuda nesse capítulo, como a *European Association for Quality Assurance in Higher Education*, e também a iniciativa da presidência irlandesa, que foi a criação do *U-Multirank*, um sistema de classificação internacional das universidades. Quando, a nível europeu, se está neste processo, acho que valia a pena aproveitarmos e tirarmos as consequências da experiência destes cinco anos de vigência do RJIES, com mais serenidade e com menos pressão quotidiana.

Voltou agora à advocacia, após sair de uma presidência de dez anos na Fundação Calouste Gulbenkian. Como é regressar à base?

Foi um regresso especial, visto que a minha atividade é sobretudo como consultor. Não sou, de maneira nenhuma, um advogado de tribunal. Mas é um regresso à minha formação inicial e, também aqui, penso que a conjugação da minha experiência profissional com os problemas de natureza jurídica e normativa me permitem dar um contributo em que essa experiência pode ter valor acrescentado.

Percebendo que é, sempre, algo ingrato de se responder, da sua vasta experiência profissional, em campos tão diversos como a energia, a Banca, o governo, a cultura, que projeto sublinharia como sendo o mais marcante?

Tive muita sorte de ter tido oportunidades muito ricas, do ponto de vista profissional e pessoal. O Banco de Portugal, a Caixa Geral de Depósitos, (sobretudo a mudança de estatuto da Caixa Geral de Depósitos), a Fundação Calouste Gulbenkian, ou mesmo antes, no Banco de Portugal, a minha experiência nos gabinetes de estudos, numa época em que o planeamento era muito importante. Depois, a formação profissional que tive oportunidade de ter no Banco Português do Atlântico. O ter vivido no estrangeiro, em Paris, em 1973/1974. A experiência na Comissão Europeia, que foi muito interessante no princípio, mas que depois foi menos motivadora, porque havia um peso burocrático não se coadunava muito com a minha maneira de ser. Mas acho que, sobretudo, fui muito bafejado pela sorte e teria muita dificuldade em eleger uma experiência entre tantas. Tive muitas, muito diferentes, e de cada uma guardo muito boas recordações.

Culturalmente, há experiências mais marcantes.

Sim, a Europália, onde fui comissário-geral de Portugal, e a criação da Culturgest, que celebra agora 20 anos.

20 anos são uma prova de vida?

É a prova de Darwin. Não são os mais fortes ou os mais inteligentes que sobrevivem, são os que têm maior capacidade de adaptação à mudança.

Como é que vê a prova de vida dos próximos 10 anos da UC?

Vejo-os como dez anos difíceis, mas Coimbra tem todas as condições para ser, como quer ser, a melhor Universidade portuguesa.

* Com este decreto, (Decreto-Lei n.º 40900, de 12 de Dezembro de 1956) o Governo propunha-se restringir a autonomia das Associações e Pró-Associações de Estudantes do Ensino Superior, limitando-lhes de tal modo as funções que, na prática, as encerrava através de legislação.



RETRATO DE PALAVRA INTEIRA

MARTA POIARES

Nasceu em 2003, completa dez anos de publicação ininterrupta e conta com 38 edições de vida. A *Rua Larga*, revista da reitoria da Universidade de Coimbra (UC), surgiu como um dos estandartes mais visíveis da política cultural traçada pelo então pró-reitor para a cultura, João Gouveia Monteiro. Feita de inevitáveis metáforas, pela rua que a batiza, quis-se “aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra” e continua, ao longo dos tempos, a viajar nas entrelinhas da universidade, com vista para a cidade e sempre de mão dada ao mundo.

A *Rua Larga* teve como ponto de partida um desejo revestido de honra: ocupar o espaço de comunicação, no seio da comunidade universitária de Coimbra, que a revista “Informação Universitária”, lançada pelo Reitor Fernando Rebelo (1998 e 2002), tinha provado existir. *Sonhada* uma *figura* artística e intemporal, pelas mãos do membro e pilar António Barros, viu-se ser construído um corpo de texto dividido em quatro secções principais. Começa-se por abrir a porta ao diálogo com a equipa reitoral, numa *Reitoria em Movimento*, onde são incluídas as atividades e projetos da própria Reitoria. Constrói-se, depois, uma *Oficina dos Saberes*, onde unidades orgânicas ocupam lugar: da sua pluralidade de iniciativas, à reflexão em todas as áreas do saber ou mesmo à informação de atualidade. Aqui mora também uma ciência selecionada intitulada *Ciência Refletida*. Numa terceira artéria, *Ao Largo* da

mesma rua, semeiam-se entrevistas e perfis a (re)nomes de praças maiores, livros publicados pela Imprensa da UC, o espaço da cidade de Coimbra, uma coluna de opinião universitária, uma crónica literária, por onde pass(e)aram nomes como José Luís Peixoto, Manuel Jorge Marmelo ou Almeida Faria, uma agenda cultural, etc. Como ponto pouco final, um caderno temático colecionável, à descoberta de novos assuntos de interesse para toda a comunidade científica. E porque uma rua também se faz de ecos, foi formada uma Comissão de Ligação às unidades orgânicas e aos serviços, composta por mais de 30 personalidades, de todas as áreas científicas e de papel essencial no alinhamento da revista e na seleção dos artigos. Para que nenhum alicerce fizesse o corpo de texto tremer, foi estabelecido um quadro de assinantes, a disponibilização da revista online (a partir de 2004, em www.uc.pt/rualarga), a abertura a patrocínios privados e, ainda, a sua promoção em livrarias e eventos diversos.

Nenhuma rua vive sem habitantes e a *Rua Larga* não é exceção. As ideias e as imagens ergueram-se, trimestre a trimestre, com empenhos mergulhados em sonhos de pessoas fundamentais à construção de um produto – tantas vezes enigma - final: à edição minuciosa de Clara Almeida Santos e à plasticidade artística de António Barros, juntou-se a lente fotográfica de Paulo Mora e João Armando Ribeiro, a infografia de Pedro M. Duarte e a equipa de produção e administração com Isabel Terra, Ana Margarida Roque, Luísa Lopes, Ilídio B. Pereira e Lígia Ferreira.

Ao fim de quatro anos, e calcorreando um caminho de óbvia permanência cultural, assume a função de diretor-adjunto da revista, o então pró-reitor José António Bandeirinha. As provas reconheceram-lhe que “nos projetos de êxito não se mexe”, e a aposta foi, sobretudo, inaugurar um *Espaço das Escolas*, dedicado à arquitetura de uma Univers(c)idade por descobrir, e sublinhar, também, o apoio da comunidade universitária à publicação. A edição passou, também, por mudanças na sua estrutura humana, próprias de uma *Rua* em movimento. Editaram a publicação Martha Mendes (n.º 26), Pedro Dias da Silva e Marta Poiares (n.º 27 a n.º 34) e Marta Poiares (n.º 27 a n.º 38). Na infografia, Sérgio Brito, Sérgio Temido e Henrique Patrício garantiram que de cada peça se fizes-

se um todo. E se algumas histórias contam saudade, a *Rua Larga* não foge ao mito: desde 2006 e até ao seu desaparecimento prematuro, na primavera de 2009, a *Rua Larga* teve como editor o jornalista João Mesquita. Um ciclo foi encerrado com o número 32, mas sempre de *olhos postos no futuro*. João Gabriel Silva assume lugar de reitor e Clara Almeida Santos, editora na origem, regressa, assim, como diretora-adjunta de diferença em vista. O número 33, cabalístico por natureza, marcou um novo início e um bom augúrio: uma “Universidade, hoje”, cheia de futuro dentro. A periodicidade passou a querer-se sincronizada com o passo a passo do ano letivo, dançando ao som dos ritmos de início e fim dos semestres: novembro, fevereiro e junho. A ortografia apareceu renovada, acompanhando a mutação da Língua Portuguesa e cumprimentando o Novo Acordo. Agora sempre rendida a um tema, a rua virou casa de novos nomes, mantendo, ainda assim, todas as secções do costume. Outra novidade passa pelo debate tomado de empréstimo a Umberto Eco: *Apocalípticos e Integrados* mantém acesa a discussão entre dois olhares diferentes sobre um mesmo tema.

Se a rua a quem pediu emprestado o nome se faz, dia a dia, uma história cheia de História, a revista tornou-se orgulhosamente parte dela, sendo espaço privilegiado onde, edição a edição, se atravessam as portas da Universidade e onde se (l)he percorrem todos os trilhos.

Dez anos depois da sua criação, viver-se-á sempre sobre as pedras erguidas no passado, mas acompanhar-se-á, também, um futuro que se quer ainda mais largo e inclusivo. A *Rua Larga* prepara-se, agora, para a inclusão na plataforma Impactum, braço da UC Digitalis, o maior repositório digital em língua portuguesa de informação académica. No editorial que marcou o princípio de uma longa *Rua*, lia-se nas palavras do então reitor da UC, Fernando Seabra Santos: “A *Rua Larga* pretende ser, simultaneamente, arauto e espelho de uma Universidade renovada, aberta aos desafios do tempo e marcada por uma incessante procura de qualidade”. Dez anos depois da sua criação, os pés que percorrem esta *Rua*, dizem, com a certeza na ponta dos passos, que se fez do corpo um barco e (se) navegou na pedra*.

*António Gedeão

Para não te ver

VALÉRIO ROMÃO *

62

RL #38 | AO LARGO
CRIAÇÃO LITERÁRIA

Já sabes que levei os miúdos, as roupas, as coisas do banho, a comida biológica dividida em pequenas porções dentro de tuperués de cores berrantes como as da Benetton, levei também os livros deles, porque de noite é só pela leitura que consigo convocar o sono do Carlinhos, e não raras vezes ele acorda horas depois com um pesadelo a esganar-lhe a maçã-de-adão, e eu abraço-o, como te abraçava, Cristina, quando fazíamos um ninho tão perfeito que quem nos visse de cima poderia facilmente confundir-nos com um daqueles símbolos chineses a preto e branco onde se veem explicados a imortalidade e o infinito complementar, e ele nos meus braços, a fazer um infinito só ligeiramente mais pequeno, lá vai voltando ao sono, às vezes a chamar por ti, Cristina: a mãe, a mãe, e eu tenho de dizer-lhe a verdade, por muito que agora isso o magoe, percebes, estou certo de que percebes, afinal o futuro está cheio de divãs onde bolçar os restos indigestos da infância, não é como antes, que se carregavam os traumas do berço à cova numa procissão de cicatrizes e eu digo-lhe, baixinho, que dói menos, a mãe é má, Carlinhos, a mãe, na verdade, é má.

Quando recebi o teu último email, no qual me tratavas numa bília de teres encontrado em mim o maior dos criminosos, fiquei muito ansioso, Cristina, porque não considero que mereça de ti esse desprezo calcinado com que aprecias todos os meus actos terrenos, mesmo aqueles (e sobretudo aqueles) que nos ligam um ao outro, talvez nunca mais na disposição de cornucópia asiática pela qual se prisma o infinito, mas ainda assim muito próximos, nem que seja pelos putos e pelo cão

devo dizer-te que não voltarei a cortar uma pata ao Chinelo, foi um erro, a todos os níveis, e já pedi desculpa aos miúdos, e até aproveitei a ocasião para lhes explicar o que era o sangue e a sua importância, e como todos nós estávamos sujeitos às regras do sofrimento, sem aviso prévio, que não somos nem melhores nem mais espertos do que os gregos antigos sobre os quais a vida descia torrencialmente num aguaceiro de facas, e o bichinho na verdade não ficou mal, consegue andar, mesmo que ao ralenti, e a pata não me serviu de nada porque quando entrei nos correios, com ela nos bolsos para ta fazer chegar, percebi que não tinha dinheiro para aqueles envelopes almofadados e o homem não aceitou

receber aquilo noutra qualquer: que se rasgava, dizia, vê lá tu que pelo menos ainda há profissionais e sinto que deverias talvez regressar ao território abandonado do nosso passado recente e lá fazeres a arqueologia do teres gostado de mim, do como e do quanto, e mesmo que saías de lá com coisas mortas nas mãos, pelo menos podes decalcar daí a forma do nosso trato e passares a ser para mim, mesmo que não o sintas, amorosa, a ver se não acontece mais merda nenhuma.

Hoje mesmo, se te calha a ter curiosidade pelo que fazemos para nos divertirmos, enquanto tu só sabes enfiar-te em casa para digerir esse ódio em emails que, na extensão, se parecem mais com lençóis grafados e que só leio até por volta da sétima linha, aborrecido mortalmente com a tua ladainha repetitiva, pela qual recrias ciclicamente uma primazia sobre a vida dos nossos filhos que eu não te reconheço

vê lá se eles não estão bem comigo, Cristina, se não os sei fazer felizes de um modo que a ti será sempre inacessível, dado esse apego à etiqueta pedagógica com a qual te arruinaram a infância, Cristina, que eles comigo riem, sujam-se e capitalizam a energia própria das crianças a perseguir as crias de pardais que vão chovendo das árvores e, um a um, torcemos-lhes os pequenos pescoços para salvá-los da morte pelo frio ou na boca de um gato, e nunca tu serias capaz disto porque te fazem alergia as escolhas que nascem da tensão entre extremos, tu que no fundo és uma caguinchas, Cristina, e só fazes voz grossa comigo porque sabes que haverá sempre no meu corpo um órgão que ressoa só à tua voz, mas não penses por um segundo que estou nas tuas mãos, Cristina, porque eu sou livre como a luz do sol e nem a manta opaca da noite cada vez mais escura poderá um dia anestesiá-lo meu eterno retorno, Cristina

e até me atrevo a imaginar-te, sôfrega, por detrás desse monitor e desinteressada de saber da nossa alegria, a soltares em casa os sabujos da polícia informática e eles a tentarem, pelo cheiro dos caminhos IP percorridos pelas minhas mensagens, triangular a minha presença em Espanha ou Amesterdão, logo eu, Cristina, que dei biberão a firewalls de estados democráticos nos tempos em que éramos felizes e eu bem-pago, e saíamos de casa para as maldivas como quem vai a Badajoz descobrir um sol mais pardo.

Por detrás deste sol-posto, Cristina, como lhe chamas na tua última missiva, apenas tragável até meio, quando te rebenta o descontrolo possessivo de queres chamares tudo teu, vamos fazendo esta vida irresponsável, de acordo com o teu juízo tão precipitado de teres tudo muito bem esquadrinhado e compreendido, mas a gente diverte-se Cristina, quem me dera que pudesses falar com os putos, e até to deixaria não os fosses entupir de lamentos e de mentiras, como da primeira e última vez, na qual os aconselhaste a fugir desse maluco e a pedir ajuda a estranhos, Cristina, Cristina, que raio de mãe aconselha os seus filhos a trocarem o pai por um camionista qualquer a quem agrade os meninos ou as meninas imberbes, Cristina, e é por isso, e tu sabes, que não te permito mais um minuto de telefone com eles, e é tão tão triste dizer que não confio em ti, afinal ainda és minha mulher, apesar de tudo, mas a verdade é que não confio.

Se me visses agora, Cristina, de bigode rapado como um criança de trinta e poucos anos, a vestir umas bermudas ou uma ganga, ao contrário daqueles fatos-macaco para executivos para onde me encaracolava contrariado, agora é só sorrisos, Cristina, uma vida boa onde o fantasma do quotidiano escolar não assombra a cabeça dos miúdos, eu tenho menos vinte anos e eles mais dez e encontramos-nos neste éter hertziano da mais pueril adolescência, e é tudo permitido e tu, parva, não quiseste vir, depois de te ter deixado tantas mensagens a suplicar que o fizesses, que te decidisses a aceitar-nos de novo na integridade de uma família, que não, que não, quando me respondias aos lamentos, que não suportavas pensar sequer em deixares-me regressar a casa, na tua cabeça eu era um navio a derramar crude por onde passava, e nem as minhas desculpas insistentes te levaram a repensar, uma vez que fosse, a natureza precária do passado e das memórias, sempre relativas a um ponto de vista que tu, cega, postulavas como absoluto.

E o ter-te batido não pode ser a desculpa para tudo, Cristina, afinal o meu pai bateu na minha mãe, o meu

avô na minha avó e até o teu tio permanentemente ruborizado cascava na tua tia e, ao que eu saiba ou todas estas pessoas continuam juntas ou a algumas só mesmo a morte as separou, portanto não me venhas dizer que uns pisões ocasionais para te disciplinar a audácia eram o suficiente para me pores as malas à porta sob ameaça policial, tu que procuravas pela aspereza do teu feitio o confronto, e não me tentes fazer crer, Cristina, que não sabias a que soava ou sabia o confronto entre um homem e uma mulher, sobretudo quando esta última insiste na fantasia comunista de transpor toda uma comunidade para dentro de casa para ajuizar as decisões que, de serem entre homem e mulher, só a eles lhes dizem respeito, mas tu foste perdendo a noção de intimidade, aos poucos, num processo decadente de exposição pública, era ao padeiro que mostravas, de relance, um olho roxo ou uma marca de sangue pisado no braço, era à manicure, no seu apogeu de cerzideira, que lhe desvendavas os nossos desencontros na cama, tudo para que te passassem a mão pelo pêlo e para que viesses, para casa, confortada pelas razões alheias de que fazia muletas quando no calor de uma discussão se te acabavam os argumentos.

Tenho a certeza de que foste tu a mandar vir buscar as crianças, tenho a certeza de que me distraí a rotear uma das múltiplas mensagens pelas quais te vou pondo a par da nossa vida sem ti, e tu aproveitaste-te do erro e mandaste um camelo qualquer vestido de nativo recolhê-los ao quarto para meu desespero de gritar com todos os recepcionistas, gerentes, e outras peças anquilosadas desta máquina centrífuga de onde saíram cuspidos os meus bebés, mas não perdes pela demora, Cristina, hei-de persegui-los até te encontrar e a eles, para que vejas como na liberdade da escolha eles virão correndo para mim como um cão para o dono, Cristina, e conspurcar-te-ás na tua última humilhação pública de seres preterida como mãe, talvez isto até tenha vindo pelo melhor, Cristina, talvez assim aprendas de vez.

Há dias que não tomo os comprimidos, para evitar dormir, e tenho pirateado tudo quanto é companhia aérea na esperança de vê-los inseridos numa folha de voo, mesmo que camuflados pela casca de um pseudónimo e nada, Cristina, não sei bem o que pensar disto e ao mesmo tempo recuso-me a aceitar aquilo que me dizes no teu último mail, onde te descartas, mais uma vez, da responsabilidade de ter participado nos seus desaparecimentos, e se queres saber o pantufa morreu, talvez da infecção de que não chegamos nunca a tratar, tenho-o ali ao pé da porta como um chouriço estendido para não deixar entrar o ar, não sei o que vou dizer aos miúdos quando me perguntarem por ele, talvez pudéssemos inventar uma mentira comum, só para não os ver sofrer a precipitação de um luto, não achas, Cristina, que é pelo melhor, não achas?

Hoje mesmo jurei tê-los visto perto de uma gelataria onde comíamos habitualmente a sobremesa, não vais acreditar mas quando os puxei pelas mangas eram de repente outros, muito mais velhos e escuros, e eu não sei onde se meteram os nossos, se calhar és tu que os tens aí e através da cumplicidade desta gente que me detesta

eu vejo-lhe nos olhos o carimbo de estrangeiro com o qual me marcam o corpo antes sequer de me afastarem do caminho com um encontro de ombros e fazes uma triangulação especular com todas estas câmaras e projectores de segurança e entreténs-te a alumia-los um pouco por toda a parte para que eu, numa precipitação de gato, me lance à cata destes espectros, às vezes batem-me porque não compreendem a minha necessidade, o meu ardor de voltar a ter os meus filhos comigo, mas tu percebes, não percebes, Cristina, e se percebes porque continuas a fazer isto.

Chegaram e tiraram-me daqui o Chinelo e só não me meteram na rua porque sou estrangeiro e tenho ainda algum dinheiro para lhes untar as mãos corruptas, para além de respeitar a conta que ciclicamente engorda e que eu abato a toques de visa, está tudo bem aqui, agora,

Cristina, já sei, agora as coisas fazem sentido, como se o cheiro do cão tivesse implantado uma espécie de neblina mental que subitamente foi retirada e já consigo pensar, finalmente, tenho tudo claro, é uma epifania, acreditas.

Quando os meto dentro do carro eles pensam que me vão chupar a pila como fazem aos outros turistas mas eu apresso-me a desfazer o equívoco pela expressão verdadeira de um sorriso, que não sou como os outros, digo-lhes, e que nunca seria capaz de fazer isso a um filho meu, e eles ficam meio aturdidos e alguns ainda tentam sair do carro, mas eu tenho as portas fechadas e as costas da mão para lhes devolver o sossego e o choro, e arrancamos estrada fora e seguimos até outro quarto de hotel na periferia da cidade e aí eles acalmam porque pensam, no fundo, que a questão ainda é sexual, e nesse território de conforto habitam até que os amordaçó e os ato à cama, e nessa altura é demasiado tarde para chorar, para gritar, resta estremecerem como se tivessem frio neste país que nunca, mas nunca, arrefece, e eu pego num bisturi e começo a tentar encontrar-lhe por debaixo da pele as feições do Carlinhos ou da Mafalda, eu percebi que eles nunca haviam saído daqui quando os comecei a ver por toda a parte, e não há parte ilusória neste processo, apenas a habilidade adquirida de ver a carne por debaixo da carne, e agora já sei que eles estão por toda a parte e é só ter o jeito

que eu nunca fui habilidoso de mãos, como sabes de lhes devolver as feições, e às vezes até penso ter conseguido, mas três dias depois apercebo-me do equívoco e tenho de me dispor daqueles e arranjar outros, felizmente aqui isto é fácil, nem acreditarias, só te pedia um favor, Cristina, o último, se tiveres coração, que me mandasses uma fotografia deles, por amor de deus, que eu há dias em todas as feições me parecem e iguais e outros em que estou esquecido de muita coisa, e assim, quando os recuperasse, ainda te deixava falar com eles ao telefone, sabes, se lhes entendesses a língua que eles, ao crescer, mudaram muito, Cristina, mudaram muito.

O MUNICÍPIO
DE COIMBRA
MONUMENTOS FUNDACIONAIS



EDIÇÃO
Câmara Municipal de Coimbra
Imprensa da Universidade de Coimbra

TÍTULO
O Município de Coimbra
Monumentos Fundacionais

AUTORA
Maria Helena da Cruz Coelho

ISBN
978-989-8039-33-0 (CMC)
978-989-26-0620-0 (IUC)

A cultura é a matriz da identidade coletiva de um povo, e é essencial reforçar o seu papel como elemento agregador da comunidade e como base da reconstrução da esperança coletiva num devir que mobilize positivamente o melhor que cada território possui. Atentos a esta realidade, este esforço deve, sempre que possível, ser complementado por iniciativas que deem destaque e acrescentem valor ao património histórico da cidade, o que se tem traduzido, entre outras, na edição dos seus principais documentos históricos, sejam atas de vereação, posturas municipais ou cartas de foral, atribuídas ao longo dos séculos e que constituem os seus pilares fundacionais.

Aquando das comemorações dos 900 anos do foral de 111, o Município de Coimbra, cujo arquivo histórico é guardião de uma significativa parte desse acervo documental, decidiu avançar com esta obra magna, em parceria com a Imprensa da Universidade de Coimbra, na qual, pela primeira vez na historiografia de Coimbra, foram editados em facsimile, traduzidos e profundamente estudados todos os seus “monumentos fundacionais”, de 1085 até 1516. A partir desta edição, avalizada pelo rigor científico da sua autora, Maria Helena da Cruz Coelho, Coimbra e o País passam a dispor de um instrumento de trabalho de excelência para melhor conhecer a gesta do território e do povo de Coimbra.

Título: Diretiva Estaleiros: Segurança nas obras
Autor: Telmo Dias Pereira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Ensino. Coimbra 2013

Título: Vasos Gregos e Pintura de Tema Clássico: no Museu da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro
Autor: Carlos A. Martins de Jesus; J. M. Vieira Duque
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Instrumenta. Coimbra 2012

Título: Lux pulchritudinis: sobre beleza e ornamento em Leon Battista Alberti
Autor: Andrea Buchidid Loewen
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
IUC/Annablume. Coimbra 2013

Título: História Augusta. Volume I: Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avidio Cássio e Cómodo
Autor: Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão, Nuno S. Rodrigues (tradução do latim, introdução, notas e índice)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Justiça e Comunicação: o diálogo (im)possível
Autores: Rita Basílio Simões; Carlos Camponez; Ana Teresa Peixinho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2013

Título: Uma aventura estaminal: Células estaminais: o que são? Onde estão? Para que servem?
Autores: João Ramalho-Santos; Inês Araújo; Luís Pereira de Almeida; Lino Ferreira; Cláudia Cavadas; André Caetano

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Descobrir as Ciências. Coimbra 2013

Título: Doze Textos Egípcios do Império Médio: traduções integrais
Autor: Telo Ferreira Canhão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Vidas paralelas: Péricles e Fábio Máximo
Autores: Plutarco; Ana Maria Guedes Ferreira; Ália Rosa Conceição (tradução do grego, introdução e notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Contra Neera [Demóstenes] 59
Autores: Apolodoro; Glória Onelley (tradução do grego); Ana Lúcia Curado (introdução, notas e índice)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Timeu-Crítias
Autor: Platão; Rodolfo Lopes (tradução do grego, introdução e notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Cantos Argonáuticos: Argonáutica
Autor: Gaio Valério Flaco; Márcio Meirelles Gouvêa Júnior (tradução do latim, introdução e notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: História Apostólica: a gesta de S. Paulo
Autor: Arátor; José Henrique Manso (tradução do latim, introdução e notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: O De Excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma
Autor: Santo Agostinho; Carlota Miranda Urbano (tradução do latim, introdução e notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: A Constituição dos Atenienses
Autor: Pseudo-Xenofonte; Pedro Ribeiro Martins (tradução do Grego, Introdução e Notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Medeia
Autor: Séneca; Ana Alexandra Sousa (tradução do Latim, introdução e notas)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Serviço Social: mutações e desafios
Autores: Clara Cruz Santos, Cristina Pinto Albuquerque, Helena Neves Almeida
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Ensino. Coimbra 2013

Título: Coro: corpo coletivo e espaço poético: Interseções entre o teatro grego antigo e o teatro comunitário
Autor: Cláudia Andrade
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Um génio português: Edmundo Curvelo (1913-1954)
Autores: Manuel Curado; José António Alves
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2013

Título: Estudos sobre cultura e literatura portuguesa do Renascimento
Autor: Thomas F. Earle

Fotografias: Carlos Costa | © IUC 2013

66

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2013

Título: Marcello Caetano, marxelismo e "Estado social": uma interpretação

Autor: Luís Reis Torgal
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Vestidos para matar: o armamento de guerra na cronística portuguesa de quatrocentos

Autor: Paulo Jorge Simões Agostinho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Da rádio estatal ao modelo integrado: compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal

Autor: Sílvio Correia Santos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Urbanismo na Composição de Portugal

Autora: Luísa Trindade
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Portugueses na Austrália: As Primeiras Viagens

Autores: Carlota Simões; Francisco Domingues
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2013

Título: História da Ciência na Universidade de Coimbra (1772-1933)

Autores: Carlos Fiolhais; Carlota Simões; Décio Martins
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2013

Título: História da Ciência Luso-Brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil

Autores: Carlos Fiolhais; Carlota Simões; Décio Martins

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2013

Título: Educação: Perspetivas e Desafios

Autores: João Boavida; Maria Formosinho; Maria Helena Damião
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2013

Título: A Dinâmica da Espiral: Uma Aproximação ao Mistério de Tudo

Autores: Sebastião J. Formosinho, J. Oliveira Branco
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2013

Título: Estudos Clássicos Vol. I. Origens do pensamento ocidental.

Autores: Gabrieli Cornelli, Gilmário Guerreiro da Costa
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2013

Título: Saberes e poderes no Mundo Antigo. Volume I - Dos saberes

Autores: Fábio Cerqueira; Ana Teresa Gonçalves; Edalaura Medeiros; José Luís Brandão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Saberes e poderes no Mundo Antigo. Volume II - Dos poderes

Autores: Fábio Cerqueira; Ana Teresa Gonçalves; Edalaura Medeiros; Delfim Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Classica Digitalia. Coimbra 2013

Título: A alga que queria ser flor

Autora: Ana Cristina Tavares
Coleção Descobrir as ciências. Coimbra 2013

Título: Rumor de Mar

Autor: José Ribeiro Ferreira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Clássica Digitalia. Coimbra 2013

Título: Alergia Alimentar

Autores: Ana Todo Bom e Anabela Mota Pinto
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Aires Barbosa. Obra poética

Autor: Sebastião Pinho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Portugaliae Monumenta Neolatina. Coimbra 2013

Título: Gramática derivacional

Autora: Graça Rio-Torto, Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira e Sílvia Ribeiro.
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Ensino. Coimbra 2013

Título: Growth and maturation in Human Biology and Sports: Festschrift Honoring Robert M. Malina by fellows and colleagues

Autor: Manuel Coelho e Silva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Os Braquiópodes da Coleção Krantz do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Autoras: Mena Schemm-Gregory e Maria Helena Henriques
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Theke. Coimbra 2013

Título: Portugal. Geografia, paisagens e interdisciplinaridade

Autor: Fernando Rebelo
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Título: Artes plásticas e crítica em Portugal nos anos 70 e 80: vanguarda e pós-modernismo

Autor: Isabel Nogueira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2013

Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por

Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial.

Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura.

O debate que rivaliza Impresso e Digital está, há já algum tempo, na ponta da língua. Resta saber que lado dita um cenário que se julga pouco longínquo. Onde vão morar as palavras no futuro? Vão ter o corpo deitado em papel ou abstrair-se-ão num mundo digital? O suporte define uma existência ou o que se deve valorizar é a resistência do discurso?

69

RL #38 | AO LARGO
APOCALÍPTICOS
E INTEGRADOS

QUESTÃO DO IMPRESSO OU OS PROGRESSOS DESTE SÉCULO

CARLOS REIS *

É conhecida e em geral atribuída a Umberto Eco a *blague* segundo a qual alguém lhe teria perguntado, ao ver a sua bem nutrida biblioteca pessoal: já teve tempo para ler todos estes livros? Resposta de Eco: estes são só para o fim de semana...

A réplica pode ter sido inventada, mas a pergunta é mais frequente do que se pensa. Se ela se refere explicitamente à correlação entre o nosso tempo de vida e o número de livros com que lidamos, implicitamente está nela em causa também o espanto de alguém perante a acumulação física dos ditos livros, quando eles transvazam o escritório e invadem paredes da sala, cantos do corredor e mesmo algum vão de escada. É sabido até que, na casa de um escritor famoso, guardam-se livros na casa de banho...

Há relativamente pouco tempo foi inaugurado o prolongamento da torre dos depósitos da Biblioteca Nacional. O que poucos sabem é que aquela ampliação estava prevista no projeto do ar-

quiteto Pardal Monteiro, como se fosse possível antecipar (e era) que a invasão dos livros (voltarei a esta expressão) não abrandaria; e também se sabe agora que a ampliação valerá por mais anos do que antes se supunha, porque a tal invasão vai mesmo abrandar. (Já que estou neste assunto: a Universidade de Coimbra está a fazer alguma coisa com efetividade e durabilidade, para acudir à gritante falta de espaço com que se debate a Biblioteca Geral?).

A questão não é nova, mas também não é muita antiga e, menos ainda, eterna. Desde que o livro começou a ser produzido por métodos industriais – designadamente, graças ao advento da energia a vapor –, aumentou exponencialmente o número de espécies em circulação e cresceram também as exigências relativas ao seu armazenamento. Eça de Queirós, sempre atento à mudança dos fenómenos culturais e das mentalidades, referiu-se a isto num texto de 1886 (o prefácio aos *Azulejos*, do Conde de Arnoso), quando notou que o “leitor amigo” do tempo de Voltaire e Nicolau Tolentino ia desaparecendo, neste século XIX da disseminação do livro e da leitura; “e em lugar dele”, conclui Eça, “o homem de letras viu diante de si a turba que se chama o público, que lê alto e à pressa no rumor das ruas.” Assim foi. E assim é, quando hoje nos questionamos acerca já não (e apenas) do presente e do futuro do livro, mas do presente e do futuro do impresso. Regresso a Eça para lembrar aquele passo divertido d’*A Cidade e as Serras* – romance que nos fala da passagem de um século para outro, que, aliás, também já se foi... – em que um perplexo Zé Fernandes se confronta com “a invasão dos livros no 202”, ou seja, no palacete onde, em Paris, vivia o amigo Jacinto. “Solitários, aos pares, em pacotes, dentro de caixas, franzinhos, gordos e repletos de autoridade, envoltos em plebeia capa amarela ou revestidos de marroquim e ouro, perpetuamente, torrencialmente, invadiam por todas as largas portas a Biblioteca, onde se estiravam sobre o tapete, se repimpavam nas cadeiras macias, se entronizavam em cima das mesas robustas, e sobretudo trepavam contra as janelas, em sôfregas pilhas, como se, sufocados pela sua própria multidão, procurassem com ânsia espaço e ar!”

Uma tal invasão traz felicidade a Jacinto? Aparentemente não, porque os muitos metros de estantes por onde se alastram livros de poesia, de história, de filosofia, de economia e de política simplesmente não são lidos e atormentam, com a *síndrome do excesso* que induzem, um Jacinto enfartado de Civilização. Disse-o, com insuperável sabedoria, o criado Grilo: “– Sua Excelência sofre de fartura.” Também de livros, acrescento eu.

Pois bem, parafraseando um título de José Saramago, a pergunta é: que faremos com estes livros? Mais: que faremos com estes livros impressos, quando as alternativas do digital, da rede e dos ambientes eletrónicos parecem pôr em causa objetos pesados e não raro bem encorpados,

como são os livros? (digo bem encorpados e lembro-me daquele passo do *Quijote* em que o cura e o barbeiro fazem uma visita à biblioteca do “ingenioso hidalgo”: ali encontram “más de cien cuerpos de libros grandes, muy bien encuadernados, y otros pequeños”). Que faremos perante o dilema (talvez falso dilema) entre espaço físico e memória eletrónica, entre o impresso e o digital?

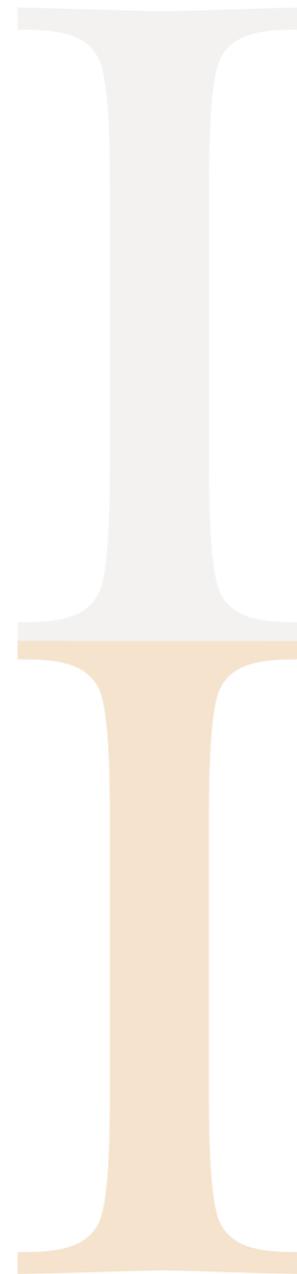
Não creio que esteja para chegar a morte do impresso e do livro. Mas acredito que o impresso e o digital encontrarão (como de facto estão já a encontrar) as suas esferas próprias de existência, correspondendo a zonas de conforto que os nossos modos de vida favorecem. Aquilo que os tablets inventaram já estava em parte inventado e tem que ver com uma certa dimensão e com um certo formato: refiro-me à dimensão e ao formato das pequenas lousas de ardósia em que a gente da minha geração aprendeu a escrever e a fazer contas, apagando então o que se escrevia de uma forma que pouco ficava a dever à higiene... Mas era assim. Hoje não é, mas subsiste no tablet o cómodo ajustamento ao nosso corpo e é por aí, afinal, que muito se decide neste domínio: no da adequação ergonómica dos objetos com que lidamos, para que o nosso corpo não sofra e possa “refocilar a lassa humanidade”, como disse Camões, mas não a propósito do impresso...

É claro que nem tudo se resume aos consolos da tal “lassa humanidade”. Por isso digo que, enquanto a letra e palavra subsistirem, qualquer que seja o seu suporte, não há razões para alarme, embora se saiba que o digital e os modos de acesso à informação que ele potencia trazem consigo mudanças que não são despiciendas. O conhecido livro de Nicholas Carr, *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains* (2010), fala-nos da erosão da memória que o digital e a Internet estão a provocar; mas ele diz-nos também, com o suporte de testemunhos respeitáveis, que o nosso cérebro é dotado de uma plasticidade que perfeitamente responde aos desafios que as atuais linguagens e formatos (céleres, leves e multiformes, como anunciou Italo Calvino) nos propõem.

Num dos filmes de Woody Allen, diz-se: “Deus morreu, Marx também, e eu próprio não me sinto lá muito bem”. Por mim, não afirmo que o impresso esteja a morrer; mas se isso acontecer, ainda no meu tempo de vida, não ficarei agoniado. Pelo contrário: sinto-me muito bem, quando verifico que esta prosa não teria sido escrita no tempo curto em que o foi, se eu não dispusesse de um processador de texto e de memórias eletrónicas que rapidamente me deram acesso aos textos e aos autores que citei. E assim (só mais uma citação de Eça!), “quem não admirará os progressos deste século?”

* Professor Catedrático
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

OS JORNAIS SÃO COMO OS CHAPÉUS



JOÃO PEDRO PEREIRA *

Uma fotografia da década de 1940, sem data precisa, mostra quatro mulheres a olhar para um cartaz na parede de uma fábrica inglesa. No cartaz, lê-se que a “mania” de andar sem chapéu vai acabar com o negócio. Em frente às mulheres, estão pilhas de chapéus numa mesa. O cartaz apela a que os funcionários dêem o “bom exemplo”.

A indústria dos chapéus (que permaneceram relativamente populares até aos anos 1960) não teve uma queda abrupta. Foi, antes, sofrendo um longo declínio, independentemente de esforços criativos como o do cartaz na fábrica inglesa. E não acabou inteiramente. Ainda hoje são vendidos de vários tipos, destinados a nichos: bonés de desporto e chapéus que são acessórios de moda para jovens ou para eventos de gala. Mas estão muito longe os dias em que eram um objecto de uso diário.

Os jornais em papel seguem o mesmo caminho. As causas são conhecidas: numa era de hiper-abundância de informação, em que basta abrir a torneira da Internet e escolher conteúdos a gosto e gratuitamente, o conceito de informação não personalizada, embalada num pacote no qual é posto uma etiqueta de preço, tem dificuldades em ajustar-se aos hábitos de consumo modernos. É como querer vender água engarrafada quando ela jorra, com qualidade, de fontes públicas em cada esquina – só um nicho mais endinheirado comprará a garrafa e fá-lo-á mais pelo valor e *status* associado ao objecto do que pelo conteúdo.

O número de leitores dos jornais tem vindo a encolher e, com ele, o dinheiro dos anunciantes, a grande fonte de receita da imprensa em papel. O negócio dos jornais assenta na sua própria natureza de *mass media*, agora duplamente minada: por um lado, estão a deixar de ter uma audiência de massas; por outro, perderam, do ponto de vista dos anunciantes, valor como intermediários, já que as marcas têm hoje uma vasta panóplia de canais para alcançar consumidores. O resultado é uma profunda crise do modelo de

negócio, com inevitáveis consequências para a qualidade do jornalismo (convém frisar que esta não é uma realidade global; a queda dos jornais dá-se nos países pós-industrializados, ao passo que na Ásia, Oceânia e América Latina, o número de exemplares em circulação cresce).

Para quem observa os jornais por dentro, é notório que parte significativa dos esforços passam por tentar manter vivo o jornal, numa lógica de continuar a vender jornais *apesar* de estes serem em papel. Ora, os jornais que ainda vendem, vendem precisamente *porque* são em papel. Em parte, porque o formato é prático num número limitado de situações (embora este seja um factor menor). Sobretudo, porque muitos leitores têm um apego emocional ao suporte – gostam de falar do cheiro do papel, das manchas de tinta nos dedos. Têm um hábito de compra tão enraizado que compram mesmo quando, na essência, podiam ter sem pagar o conteúdo que estão a comprar.

No ano passado, Jeff Bezos, o fundador da Amazon, afirmou que os jornais – actualmente vendidos em papel barato a um preço que não cobre os custos de produção – acabariam como produtos de luxo, talvez oferecidos pelos hotéis de topo aos seus hóspedes. Bezos, que recentemente comprou o Washington Post, um jornal emblemático na cobertura da política interna dos EUA, provavelmente tem razão. A imprensa em papel, tal como os chapéus, será um produto de nicho, comprada por aqueles que querem ser vistos com exemplares debaixo do braço, como se fossem um acessório de moda, ou que apreciam o luxo da informação impressa. Mesmo hoje, os jornais já são como os chapéus: não há muitos.

* Jornalista de Media e Tecnologia, no jornal Público.
Este texto não foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico,
por vontade do autor.

